

11 HISTORIAS DA ACADEMIA DE MESTRE BIMBA: O COTIDIANO DA APRENDIZAGEM

Neste tópico pretendemos apresentar as histórias ocorridas na academia de Mestre Bimba. São relatos de fatos reais que servem para nos mostrar claramente o perfil do mestre e a sua peculiar maneira de tratar com as situações inusitadas, com os problemas que surgiam nas aulas, na academia e até durante as apresentações do seu grupo folclórico.

Mestre Bimba tinha um perfil muito austero o que impunha respeito aos seus alunos, a sua palavra era um ordem que deveria ser cumprida sem muita demora.

Lembro-me perfeitamente quando as pessoas chegavam na academia para assistir as aulas: ele sentado no banco de costas para a porta, no momento em que a aula acontecia, pois muitas vezes abria a porta para receber os visitantes. Logo perguntava, na forma direta: “você veio assistir à aula de Capoeira Regional?”; sem cerimônia dizia o preço, literalmente cobrava.

Aparentemente parecia ser um ato grosseiro, descabido, mas o mestre era um profissional da capoeira e fazia valer isso. Por esse motivo, garantia um lugar sentado para os visitantes.

Outra lembrança marcante era quando um dos seus alunos chegava na aula acompanhado de uma garota. Bimba logo se apressava em perguntar quem era aquela “moça bonita”, que chamava de “tijubina”, sempre fazendo um gracejo elogioso à garota e deixando o aluno meio escabriado, porém orgulhoso. Naquele dia este entrava na roda e fazia a coisa acontecer.

Certa feita, presenciei o mestre tirar satisfação de “Jiquié” (Ezequiel Martins): foi sobre um mal entendido entre Eziquiel e Josevaldo Lima de Jesus (Sacy). Ambos estavam ministrando aulas na Policia Militar.

Estava na aula na academia da Rua das Laranjeiras quando entrou Eziquiel. O mestre prontamente se dirigiu a ele fazendo algumas perguntas sobre o ocorrido. Não entendi bem o que estava acontecendo, contudo vi o mestre peitar Eziquiel, chegando muito próximo dele, praticamente peito a peito, corpo a corpo, encurralando Eziquiel contra a parede. O mestre parecia um gigante, enquanto Eziquiel cada vez mais ficava diminuto, pequeno.

Depois de uma rápida discussão e os pedidos de desculpas de Eziquiel as coisas se acalmaram.

Sobre esse assunto, Sacy⁶² relatou que num dia de domingo estava na Praia da Boa Viagem quando encontrou Eziquiel, uma pessoa com quem se relacionava muito bem, até mesmo porque ele ensinava capoeira no Clube dos oficiais e facultava a Eziquiel que participasse das aulas mesmo este sendo cabo.

Nesse encontro, Eziquiel disse a Sacy: “o mestre está retado⁶³ com você”; ao que Sacy perguntou: “chateado comigo por quê?”; Eziquiel então respondeu: 'porque você está dando aulas de capoeira no Ginásio Acrópole⁶⁴'.

Sacy me informou que esse fato aconteceu em 1967 e que ele já dava aulas para Acordeon, numa academia que funcionava em sua casa em Brotas e, por vezes, convidava-o para assumir aulas no Ginásio Acrópole.

Na conversa, Eziquiel voltou a afirmar para Sacy: “o mestre disse que não queria ver sua cara na academia”. Com essa assertiva, Sacy ficou muito preocupado, “pois a academia de mestre Bimba era como se fosse sua própria casa”. Numa analogia, era a mesma coisa que seu pai o colocasse para fora de casa.

Logo o tempo mudou, naquele domingo ensolarado acompanhado de sua namorada, ficando escuro, parecendo um dia de chuva, carregado de nuvens, ruim de verdade. Sacy só tinha um pensamento: ir à academia e conversar com Bimba para esclarecer tudo.

Na segunda-feira à tarde Sacy foi à academia. "Fiquei embaixo, na barbearia, então o mestre chegou, todo desconfiado”. Sacy prontamente se dirigiu ao mestre cumprimentando-o com um boa tarde. O mestre lhe respondeu prontamente com um semblante alegre, mesmo assim ele ficou apreensivo, subiu rapidamente a escada atrás de Bimba, pois estava receoso do mestre entrar na sala e não deixar ele entrar.

Na subida da escada ele foi logo perguntando se o mestre estava aborrecido com ele por estar ensinando capoeira no Ginásio Acrópole e falou que foi Eziquiel que tinha lhe contado. O mestre lhe interpelou dizendo que não sabia de nada, que não tinha falado nada com Eziquiel e findou o assunto. Sacy entrou na academia para participar da aula e treinou normalmente.

⁶² Informação oral, em 6 de junho de 2005.

⁶³ Expressão baiana que quer dizer aborrecido, zangado.

⁶⁴ Academia de ginástica que ficava na Baixa do Sapateiro.

Eziquiel não demorou a chegar e foi cumprimentando o mestre que imediatamente levantou do banco que em que sentava para tocar seu berimbau e comandar a aula, se dirigindo a Eziquiel dizendo: “Você disse o que a Sacy? Eu nunca lhe disse nada, não sou homem de conversa rapaz, me respeite!”. Sacy ficou pensando que o mestre daria um galopante no seu aluno, mas não o fez e pediu que se retirasse da academia. Alguns dias mais tarde, Eziquiel voltou à academia e se desculpou, sendo imediatamente reintegrado às aulas.

Lembro-me perfeitamente da nossa viagem para Vitória do Espírito Santo com o grupo de apresentação de capoeira. Esse evento foi organizado por Medicina e teve toda uma preparação coordenada por Mestre Bimba, passando principalmente pela escolha dos alunos que o acompanhariam juntamente com todo o seu *staf*, as baianas e os tocadores. A viagem foi longa e chegamos lá cansados e famintos. Depois de alojados, fomos a um restaurante para jantar. Chegando lá, houve demora no atendimento e ninguém agüentava mais de fome. Então, o garçom se dirigiu a Bimba perguntando-lhe o que desejava, ao que ele simplesmente respondeu: "Caixão e vela!".

Essa resposta curta e direta chamou atenção dos presentes. Eu que estava sentado à sua frente interpretei que o mestre mandava um recado, dizendo que precisava ser atendido com presteza. Percebi também que o mestre sempre estava consultando seu relógio, ele era pontual, exigia pontualidade e estava desgastado da viagem.

Itapoan (2005, p. 144), falando dos acontecimentos inusitados ocorridos na academia de Bimba, lembra uma passagem em que Canhão, um dos alunos formados, estudante de medicina e famoso por seus golpes duros, dotado de muita flexibilidade, malvado e detentor de um famoso escorão “se atracou com o carioca Hélio, foram ao chão e o Canhão utilizou de atitudes que o mestre não gostou; na tentativa de se livrar de Hélio ele deu uma mordida no braço deste e ao levantar-se aplicou um tremendo “galopante” em um calouro que nada tinha com o que se passava”. Conta que o mestre imediatamente saiu em defesa do calouro e, indignado com a atitude de Canhão, um aluno formado, não contou conversa, expulsou-o da academia a bem da disciplina. Os colegas sentindo a situação foram ao mestre pedir que ele reconsiderasse a penalidade imposta a Canhão. Bimba não queria saber, não queria falar no assunto: atitude tomada e fim de papo.

Depois de alguns dias encontramos Canhão treinando na academia. Ipapoan relata que perguntou ao mestre. “O Canhão voltou?”. E Bimba debochadamente disse: “Olha Itapoan, o cara estuda medicina, vai que eu um dia eu precise tomar uma injeção e ele em vez de aplicar uma para viver aplica uma para matar. É melhor deixar o homem por aí”.

Canhão foi protagonista de alguns episódios no mínimo estranhos. Certa feita, em uma apresentação no Sítio Caruano, no Nordeste de Amaralina, num ambiente repleto de turistas estrangeiros, com todo o elenco empolgado por isso, o mestre anunciou o Samba Duro. Este normalmente acontecia depois do Samba de Roda, no final das apresentações, na parte apoteótica do show, quando somente os homens participavam, o pandeiro dava o tom e os capoeiristas em duplas entravam na roda para sambar e derrubar o outro com uma rasteira. Para isso o capoeira teria que sambar, fazer suas evoluções e distrair o outro usando da malandragem, enganando-o e, então, aplicando-lhe uma rasteira, fazendo o companheiro se estatelar no chão.

Itapoan (1994, p. 72), que participou inúmeras vezes do Samba Duro, considera que esta dança é só para homens e cita que a platéia vibrava muito com as rasteiras aplicadas pelos capoeiristas e as quedas sensacionais. Diz ainda que o mestre vibrava cantando:

Lê, lê, ô, Lê, lê, ô a turma de Bimba chegou
 Lê, lê, ô, Lê, lê, ô a turma de Bimba chegou
 A turma de Bimba chegou, pela mão do seu criadô
 Lê, lê, ô, Lê, lê, ô a turma de Bimba chegou
 A turma de Bimba chegou, trazendo seu criadô
 Lê, lê, ô, Lê, lê, ô a turma de Bimba chegou

A dança tinha uma regra: somente poderia se aplicar a rasteira, não valia em hipótese alguma utilizar outros golpes da capoeira. No momento apoteótico, todos os capoeiristas entravam na roda e "o couro comia". Justamente nessa hora, Canhão desferiu uma violenta meia-lua de compasso, a qual passou raspando na minha cabeça. Indignado retruquei na hora, o mestre viu, não gostou e não falou nada. Depois desse dia nunca mais vi Canhão participando de apresentações no Grupo de Capoeira de Mestre Bimba.

Bimba tinha critérios rígidos na escolha dos seus alunos para integrarem o grupo de apresentações. Escolhia quem ele tinha mais confiança, quem fosse formado, quem tivesse experiência na capoeira, golpes bem definidos, capacidade de jogar uma capoeira floreada, quem fosse corajoso, apresentando uma boa cintura desprezada, uma bela iuna e tivesse a capacidade de impressionar o público com golpes diferentes de efeito acrobático e que causasse suspense.

Uma vez perguntei ao mestre por que não convidava Fernão Dias Sampaio (Jagunço) e Tarcisio Pomponet (Capanga) para integrarem o elenco do grupo folclórico, ao que ele me disse que os dois eram bons capoeiristas, dos melhores, porém eram bastante duros no jogo da capoeira e não estavam prontos para participarem de apresentações.

Mais uma vez recorro a Itapoan, (2005, p. 145), sobre o caso de Camisa Roxa, um dos expoentes do CCFR, bom capoeirista, muito admirado e um exemplo de dedicação.

Fizeram uma fofoca contra o Mestre. Camisa Roxa quando soube foi falar com o Mestre que não queria que ele treinasse mais na Academia. A uma certa altura o Camisa falou: “Mestre, o senhor não é homem, me diga quem foi que disse isso”. O Mestre entendeu que o Camisa Roxa estava dizendo que ele não era homem e foi aquele drama. Nós alunos querendo explicar e o Mestre irredutível, bateu as janelas, que estava fechando, e literalmente expulsou o Camisa que a essa altura já chorava. Falamos com o Camisa que ele voltasse outro dia pra conversar com o Mestre, pois naquela hora não dava mais (*sic*).

Itapoan cita que durante a semana os alunos se encarregaram de explicar a Bimba que houve um mal entendido e que Camisa Roxa não quis em hipótese alguma ofender o mestre, uma pessoa que ele adorava.

Mestre Bimba ouviu todas as explicações dos alunos e não esboçou nenhuma reação, ficando apenas calado.

Num belo dia, Camisa Roxa, atendendo aos apelos dos colegas, compareceu à academia, entrou, cumprimentou e todo cismado foi à janela. O mestre foi impassível: não estava nem aí, não deu bola.

O mestre deu andamento normal na aula e tocou iuna. Todos os formados jogaram e o mestre continuou tocando, chamando Camisa Roxa para o jogo, pois no toque da iuna os formados presentes têm obrigatoriedade de entrar na roda, jogar e fazer o esquete.

Itapoan conta que chamou Camisa Roxa e foi para o pé do berimbau. Camisa Roxa consentiu, entrou na roda e jogou sua iuna. O mestre com essa atitude, sem falar nada, reintegrou Camisa, um dos seus alunos prediletos, à academia.

Outro fato marcante aconteceu comigo. Um dia por volta das sete horas da manhã o meu pai subiu ao sótão da nossa casa do Rio Vermelho para me acordar, meio espantado, dizendo que mestre Bimba estava a minha espera na sala de visitas. Imediatamente dei um pulo da cama, descí as escadas correndo e me deparei com o mestre sentado na poltrona com o seu costureiro terno e guarda-chuva na mão. Falei "Oi mestre, o que lhe trás aqui tão cedo"? Ele prontamente respondeu que tinha acontecido um acidente com um dos seus alunos, Volta Grande, no treino da noite anterior. Muito constrangido e sensibilizado, falou que Volta Grande tinha morrido, que os alunos que estavam presentes tinham prestado socorro e o levado para o pronto socorro, mas ele não resistiu e faleceu.

O mestre pediu-me para levá-lo ao Necrotério Nina Rodrigues para verificar pessoalmente o resultado da autópsia. Seguimos para lá e no caminho passamos na casa de Itapoan, na Avenida Princesa Isabel. Ao chegarmos, eu e Mestre Bimba ficamos no carro e

Itapoan foi ver o resultado da autópsia, logo retornando dizendo que Volta Grande tinha morrido de “edema pulmonar” proveniente de uma “hipertrofia cardíaca”.

Depois fomos informados por sua mãe, Brasileira Valente, que ele tinha um problema cardíaco congênito e os médicos que o acompanhavam já tinham alertado da gravidade da doença informando também da pouca expectativa de vida. Por esse motivo sua mãe resolveu criá-lo em plena liberdade: ele um adolescente de 17 anos deveria gozar o máximo da vida. Ele gostava de praticar esportes e amava deliberadamente a capoeira, se empenhava bastante nos treinamentos, apresentava um talento especial, um estilo próprio muito elegante e cheio de vitalidade.

Com o prestígio e o carinho que gozava dos companheiros da academia foi homenageado durante seu enterro e Eraldo Moura Costa "Medicina" escreveu uma crônica na Revista Notícias Esportivas, intitulada A última volta de “Volta Grande”.

É muito comum o capoeirista da atualidade perguntar detalhes do Centro de Cultura Física Regional, são curiosidades fora do comum e que na maioria das vezes trazem a tona relatos de ex-alunos cheios de emoção.

Muitos querem saber como era o traje de treinamento na academia de Mestre Bimba. A rigor, os alunos podiam treinar capoeira com qualquer roupa, era comum treinarem vestidos de short e camiseta, mas muitos preferiam usar somente o short e nus da cintura para cima.

Também, nós, alunos, sempre estávamos discutindo sobre o vestuário dos antigos capoeiristas, com argumentos baseados nas análises pictóricas das *Pranchas da Viagem Pitoresca* de Rugendas e Debret. Alguns colegas se fundamentavam através dos indícios das vestimentas usadas pelos escravos em seu labor tanto na zona urbana como na zona rural. Igualmente, outros diziam que os capoeiristas se vestiam com terno de linho branco bem engomado, que usavam aos domingos para irem em especial às festas de largo.

Não sei de quem foi a idéia, mas possivelmente dos alunos de Bimba que participavam do seu grupo de apresentação: no grupo os capoeiristas usavam calças confeccionadas com pano de vela, sem braguilha, meia perna e amarradas na cintura por um cordão trançado branco.

Aos poucos todos os alunos foram aderindo ao uso da calça, que eram encomendadas à D. Alice, esposa de Bimba, que ficava com ele na academia. Alguns treinavam com camisetas e outros não. Após o treino, deixava-se a calça no vestiário e fazia-se a recomendação à D. Alice para lavá-la para o próximo treino. Nunca vi nenhuma reclamação sobre a lavagem ou mesmo troca.

É preciso dizer que alguns alunos, especialmente os formados, que porventura assistiam à aula muitas vezes de roupa social ou mesmo de paletó e gravata, pois saiam do trabalho e davam uma passadinha para ver a aula, invariavelmente jogavam iuna.

Itapoan (1994, p. 17), referindo-se ao relato do Dr. Ruy Gouveia, ex-aluno de Bimba, falecido aos 75 anos, cearense, médico formado pela Faculdade de Medicina localizada no Terreiro de Jesus, destaca pontos importantes para entendermos melhor a academia de Mestre Bimba e o próprio Bimba na figura de mestre educador.

Cita que Ruy Gouveia foi contemporâneo de Sisnando, Galba e Decânio, e embarcou nessa de capoeira através de Sisnando, que segundo ele era um grande incentivador, um espécie de contramestre.

Itapoan (1994, p. 18) assim narra:

Dr. Ruy Gouveia conta que foi Sisnando quem motivou os estudantes: “Veio tudo no rastro dele. Ele era uma espécie de Contra-Mestre, testava os alunos. ele era brabo demais, ele já sabia um pouco de lutas e não sei mais o que. Em 1935 o Galba e Deusimar, dois cearenses, me convidaram para ir treinar, eu atendi e fui, lá num porão da casa do Galba, começamos lá, e eu dei o primeiro treino fazendo a ginástica de cueca, não tinha nem calção ainda. Bimba fazia aqueles exames, ficava em pé, baixe, suba, para poder avaliar as condições dos músculos, das juntas, avaliava tudo! Ficamos com o mestre, ele sempre mudando de casa. A primeira Academia foi na Roça do Lobo, Tororó, descia ali, rua Bananal, 4. Você imagine que eu era tão vidrado nesse negócio de Capoeira, que nesse tempo eu ia a pé, tinha bonde, tinha tudo, mas eu era estudante pobre, não tinha dinheiro para ir e voltar. Iaapé, chegava lá a pé, e um detalhe, cansei de pedir dinheiro de volta ao Mestre: Me dá um cruzado pra eu voltar de bonde!” (*sic*).

Ruy Gouveia conta ainda que, certa feita, mestre Bimba ficou doente e ele e Galba então estudantes de medicina davam uma atenção ao mestre, cuidavam dele e resolveram dar aulas, substituir o mestre nesta emergência, Gouveia dava aulas pela manhã e Galba pela tarde.

Gouveia ressalta que mestre Bimba era uma pessoa muito grata, ficou preso a ele, ficou amigo e que certa feita fez uma surpresa visitando ele no seu consultório no Ceará.

Guardo boas lembranças das aulas de capoeira do horário das 14 horas, principalmente dos treinos arrojados, da conversa com o mestre e das amizades que fiz. Porém, não esqueço das aulas em que estava presente “Filhote de Onça” (José Raimundo Borges de Azevedo), um capoeirista bastante respeitado na Capoeira Regional, não apenas por ser formado, mas, sobretudo, pelo seu porte físico: era muito forte, verdadeiro peso pesado com seus mais de 100kg e agilidade de um felino.

Itapoan (1994, p. 65) em a **Saga de mestre Bimba** retrata o perfil de alguns bons capoeiristas que marcaram época na academia de Bimba e sobre “Filhote de Onça” o descreve como “um capoeirista forte, brigador, brincalhão por excelência e que encarava qualquer

capoeirista por mais técnico que fosse”. Diz ainda que “Filhote” era o que se podia chamar de “nada pra ninguém” e que fazia par constantemente com Airton Neves Moura (Airton Onça), outro peso pesado.

Quando “Filhote” chegava para a aula todos nós já sabíamos que existia a possibilidade de entrarmos na roda com ele e já preparávamos o espírito para um jogo duro.

Na hora do esquentar-banho, “Filhote” fazia um desafio no mínimo inusitado, pois se deitava no chão e convidava os presentes que tivessem coragem para segurá-lo. Era uma farra, segurávamos nas pernas, nos braços, nas costas e pescoço, depois falávamos pronto. Ele não considerava, começava a se mexer ficando escorregadio por causa do suor e dos portentosos músculos; ia tomando conta da situação, se levantando e ao ficar de pé todos corriam para se proteger, alguns eram simplesmente jogados contra a parede, tomavam rasteiras e se bobeassem levavam uma benção e iam ver navios.

Todo esse movimento era um excelente treinamento de esperteza, acompanhado atentamente por mestre Bimba que bem humorado comentava a façanha, gozava os perdedores e sempre aproveitava para dar algumas lições.

No início desse tópico comentei sobre o samba duro nos shows folclóricos, agora falarei sobre o maculelê. O maculelê era um dos pontos altos do show, sempre estávamos treinando, especialmente nos dias de domingo no Sítio Caruano. José Valmório Lacerda (Bolão), além de ser um bom capoeirista, assíduo freqüentador da academia e peça importante nas apresentações folclóricas, quando tomava parte na capoeira e no samba duro, puxava o maculelê.

Para ser um integrante do grupo folclórico, além das qualidades já citadas anteriormente, o capoeira deveria dominar perfeitamente o manejo das *grimas*⁶⁵, ou seja ter ritmo, coordenação e coragem.

Bolão, que era um grande puxador de maculelê pela liderança, habilidade, descontração e criatividade certa feita acertou de cheio meus dedos; reclamei com ele que era um iniciante e que deveria ter mais cuidado na hora de bater as *grimas*; ele então me respondeu que essa era uma maneira de batizar o novo integrante para ver se ele tinha coragem. Resisti às suas investidas, passei no teste e guardo de relíquia um marca no dedo médio da mão direita.

⁶⁵ “[...] pequeno cacete, medindo 30 cm de comprimento por 2 cm de diâmetro. Normalmente feitos de biriba, pau d’arco, pitiá ou madeira do araçazeiro”. In: FERREIRA, Emília Biancardi. **Ôlêlê maculelê**. Brasília: Ed. Especial, 1989.

Esses relatos têm o propósito de mostrar algumas facetas vividas na escola de Bimba e ainda mostrar o comportamento do mestre frente a algumas situações para entendermos melhor o seu ato pedagógico.

Era muito comum e divertido escutar as aventuras dos nossos companheiros de academia; sempre estávamos escutando suas travessuras, brigas e desafios, na sua maioria vitoriosos.

Mais uma vez, Itapoan (1994, p. 65), comentando sobre a esperteza de um dos mais afamados “malandros” da academia, assim se refere:

Salário Mínimo” (Dielson Oliveira), era o “malandro” da turma, morava em Itapoã, assim como eu e Gia, e foi eu quem levou ambos para a Academia do Mestre. Cheio de gírias, esperto, brigador de rua e excelente capoeirista, apesar do tamanho reduzido – o que lhe valeu o apelido. Muito querido pelo Mestre, que inclusive certa vez o convidou para esconder-se em sua casa, depois de uma briga que Salário teve com um Marinheiro, no bar do pai dele, e a Marinha ficou procurando por ele por toda parte, porque ele deu um “vão de morcego” no tórax do marinheiro que entrou em coma (*sic*).

A casa de mestre Bimba ficava ao lado do espaço de eventos, no Sítio Caruano, no Nordeste de Amaralina, onde eram realizados os batizados, formaturas, campeonatos, ensaios, aulas especiais e shows folclóricos. O mestre eventualmente fazia um feijoada e convidava os alunos, tocadores e outros. Tive o privilégio de estar presente em uma dessas feijoadas regadas à capoeira e *mulher barbada*⁶⁶, com um detalhe muito particular: após ter saboreado a feijoada completa, com tudo que se tem direito, comecei a suar uma suadeira só e logo em seguida uma maresia⁶⁷. Depois do merecido descanso, fomos todos curtir um boa roda de Capoeira Regional.

Na academia de Bimba, localizada na Rua das Laranjeiras, nº 1, antigo Maciel de Cima, no Terreiro de Jesus, as aulas eram realizadas em vários horários, porém posso destacar que os horários das 6:00 e 7:00 da manhã eram destinados ao público preferencialmente trabalhador, aqueles que faziam seus treinos e depois iam pegar no batente. No turno vespertino a maioria dos alunos eram estudantes e a partir das 18:00 treinava a elite de mestre Bimba. Então, era comum os alunos formados migrarem sempre que possível para outros horários a fim de conhecer, treinar e se confrontarem com outros capoeiristas.

Quando fui estudar para o vestibular, me matriculei no Curso Águia que inicialmente funcionou em uma transversal da Rua Chile, no Edifício Martins Catarino e posteriormente na Ladeira de São Bento.

⁶⁶ Uma bebida criada por mestre Bimba

⁶⁷ Termo usado pelos baianos que significa ficar mole, estar na moleza, cansado.

Nesse período passei a freqüentar a academia no horário da 6:00, juntamente com o amigo José Luiz Pinto (Gato Branco). Foi uma experiência gratificante pois pudemos conviver e treinar com uma turma de capoeiristas bastante afiada que pouco participava do esquentar-banho pois seu tempo era escasso. A minha amizade com Gato Branco se estreitou e como costumávamos virar as noites estudando, criamos uma maneira singular para despertar, além da pausa para o lanche, o café e a coca-cola, jogávamos capoeira, treinávamos a seqüência em uma roda improvisada. Também desafiávamos Paulo Silva e Herval Macêdo especialistas em judô e karatê.

Wilson Pires, médico e político conceituado na cidade de Teófilo Otoni, “Maxixe” na Capoeira Regional, formado na turma de 1959, afirma que aprendeu capoeira como defesa pessoal para se defender das brigas de rua e de desavenças no meio estudantil, em especial nas festas dos diretórios acadêmicos.

Muito dedicado ao CCFR, não apenas treinava muito, como fazia parte do grupo folclórico de mestre Bimba. Destacava-se, principalmente, por ser o orador nos eventos, apresentando a Capoeira Regional para os espectadores.

Por esses predicados, tornou-se muito próximo de mestre Bimba, o qual lhe chamava também pelo cognome de *Mineiro* por ser oriundo do Estado de Minas Gerais. Daí nasceu um especial interesse de Bimba em visitar a referida cidade levando todo seu *staff* da Capoeira Regional.

Maxixe conta que Mestre Bimba sempre lhe cobrava a excursão. “Mineiro tenho uma vontade danada de conhecer Minas Gerais! Espero que você ainda me leve lá” (PIRES, 2005, p. 95).

Em 1969, “Maxixe” cumpriu sua promessa levando Mestre Bimba e toda sua comitiva, capoeiristas, baianas e tocadores para apresentarem-se aos teofilotonenses com o apoio decisivo do Rotary Club Norte. O show aconteceu no Cine Metrópole, totalmente lotado e nessa oportunidade “Mineiro” se realizou fazendo a apresentação de Bimba e da sua Capoeira Regional para sua cidade e seu povo.

A platéia ficou maravilhada ao apreciar capoeira, samba de roda, samba duro e a figura imponente do comunicador e mestre de capoeira Bimba. “Foi um show, um espetáculo de tirar o chapéu”. Mestre Bimba reconhecendo o esforço de dedicação do seu aluno chamou-o para encerrar a apresentação. “Mineiro, venha fazer a chave de ouro para mostrar a todos os mineiros o quê você aprendeu com seu mestre e com a Bahia!”.

Dessa maneira, a Capoeira Regional foi apresentada aos teofilotonenses e logo Maxixe foi convidado para ministrar aulas de capoeira na Escola Pequeno Principe, conciliando essa atividade com o exercício da medicina. Mais tarde, juntamente com Werner Miglio, tornou-se o pioneiro, o primeiro a praticar capoeira na cidade de Teófilo Otoni, MG.

É por meio dos mitos que os homens são suspensos acima de suas capacidades no cotidiano, alcançam visões poderosas do futuro e realizam tais visões.

Peter Berger.

12 MESTRE BIMBA: UMA REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA

Nesse tópico discorreremos sobre o que representa o mito mestre Bimba para seus alunos, como também para os mestres, contramestres e professores de capoeira que exercem a liderança em seus grupos na atualidade no Brasil e no exterior. As questões principais que nos inquietam são: (1) Que imagem tem esses entrevistados de Mestre Bimba?; (2) o que representa Mestre Bimba para eles?; (3) qual a visão e contribuição da Capoeira Regional?; e (4) Mestre Bimba é um símbolo da Capoeira Regional?

Os símbolos nos falam de sonhos, conquistas, crenças, amores, paixões que se foram, alegrias vividas, dores guardadas, tristezas sofridas, segredos da alma, expressões do espírito. Os símbolos falam da gente, de mim, de você, da família, do grupo de estudos, do grupo de capoeira, da escola, das festas, da cidade, do povo e principalmente da história.

Jaffé (1977, p. 232) sobre os símbolos assim se exprime:

A história do simbolismo mostra que tudo pode assumir uma significação simbólica: objetos naturais (pedras, plantas, animais, homens, vales e montanhas, lua e sol, vento, água e fogo) ou fabricados pelo homem (casas, barcos ou carros) ou mesmo formas abstratas (os números, o triângulo, o quadrado, o círculo). De fato, todo cosmo é um símbolo em potencial.

O homem é um ser com propensão para criar símbolos, o homem transforma inconscientemente objetos ou formas em símbolos e lhes dá vulto, tanto na religião quanto em objetos naturais.

Para Nasser (2003, p. 25), “a noção de símbolo apresenta uma variedade de definições e a cada definição corresponde uma morada. A definição depende da relação que estabelecemos conosco, com o mundo, com os outros e com o transcendente (objetividade, intersubjetividade e transcendência)”.

O símbolo ocorre quando o arquétipo surge no aqui e no agora podendo, de algum modo, ser percebido pela consciência. Todo símbolo tem que ser bem fundamentado em um arquétipo e apesar de nem todo arquétipo ser um símbolo, ele sempre o é como possibilidade.

Por outro lado, se algo é ou não um símbolo, depende do ponto de vista da consciência que o contempla. Portanto, um mesmo fenômeno pode ser sinal para um e símbolo para outro. Um caminho que se perde no horizonte pode misteriosamente evocar uma continuidade em direção ao infinito, como pode apenas significar um mero trajeto real e

concreto. Uma ponte sobre um abismo pode representar o único meio de transporte de um lugar para outro, como também inexplicavelmente pode remeter à imagem de uma ligação, da solução de um problema, do término de um isolamento, etc.

O símbolo é a melhor formulação possível de algo desconhecido. Quando conseguimos explicar alguma coisa através de analogias ou por sua designação abreviada, estamos falando de sinal e não de símbolo. Como exemplo podemos dizer que a cruz representa o amor de Jesus pela humanidade, trata-se de uma explicação e, portanto estamos aqui lidando com um sinal; porém, se ao nos depararmos com a cruz nos acometermos de uma afeição inexplicável, capaz inclusive de modificar nossa vida, então estamos falando de um símbolo.

Nasser (2003, p. 38) afirma que “o símbolo depende da estrutura ou condição espiritual de cada homem, ou seja, o símbolo compõe a linguagem da alma e do espírito, através da transcendência, funcionando como um mediador, uma ponte. Enquanto vida, o símbolo é um constante transformador de energia”. A energia é o elemento responsável em converter o homem, sua alma e espírito vivos.

Como tudo em que existe energia, há vida, o símbolo igualmente possui uma energia que tem a capacidade de transformar e modificar as emoções, sentimentos e as coisas.

Pela capacidade de transformação, o símbolo, até certo ponto, pode tornar o visível até no invisível e no divino e, com irresistível força, ele atrai o homem que o contempla. É imprescindível como o próprio espírito do mundo, toca a nossa alma. Portanto, o símbolo aproxima o divino do homem.

Os símbolos também representam as conquistas e a vida de um homem, de uma comunidade e até mesmo de um povo. Os símbolos contam histórias, se reportam ao povo, aos seus costumes, seus credos, sua linguagem, assumindo, assim, um dado antropológico universal.

O símbolo não cristaliza os sentimentos, todavia gera uma moldura na qual esses sentimentos possam se expressar livremente. Pois a moldura não contém uma definição de contornos preciso e hermético. Deixa em aberto possibilidades vivas na busca do seu sentido.

Sempre estamos questionando o que na verdade representa mestre Bimba para os seus alunos. Qual o valor evocativo atribuído a Bimba e suas experiências durante a convivência no CCFR?

Gato Branco falando do que representa Mestre Bimba para ele, assim se expressou:

Mestre Bimba, eu costumo dizer, nas minhas recordações, com amigos, Mestre Bimba é um diamante, não era um diamante lapidado, era uma verdadeira lição de vida, era um homem inculto, mas ao mesmo tempo com uma sabedoria fantástica, e ele transmitia essa sabedoria para os seus alunos da melhor forma possível, em termos de aconselhamento, enfim, preparava a gente para a vida.

Medicina assim se refere: “Mestre Bimba que conheci era um homem negro, pobre, honesto, inteligente, vaidoso, sem instrução escolar, educado, com princípios familiares, apesar de possuir várias famílias (o que não era uma exceção na sua época)”.

Itapoan fala que escreveu dois livros biográficos sobre Mestre Bimba, o primeiro, **Bimba, perfil do mestre**, em 1982, sem a conotação de ser uma biografia definitiva, o segundo, **A saga do Mestre Bimba**, em 1994, um trabalho mais elaborado, quando fez uma análise mais aprofundada da Capoeira Regional e enfocou a metodologia, a vida, crônicas, reportagens vinculadas na imprensa escrita à figura de Bimba, assim como colheu um maior número de informações sobre o mestre. Contudo, ressalta que “Mestre Bimba é uma pessoa muito grande para que você coloque só em uma obra” e afirma que continua pesquisando e tem descoberto muitos fatos novos extremamente interessantes.

Sobre o assunto, sobre pessoas verdadeiramente importantes, que chama de figuras exponenciais, destaca Antonio Conselheiro, Lampião, Zumbi e Mestre Bimba, dizendo que são personalidades inesgotáveis que “você vai ter sempre alguma coisa para escrever sobre essas pessoas”.

Salienta que Mestre Bimba para ele é muito forte, possivelmente uma figura masculina que de algum modo veio “substituir” o seu pai que morreu um ano antes dele entrar para a Academia de mestre Bimba. “Era a figura masculina que eu tinha como espelho”.

Chamando a atenção do que representa Mestre Bimba neste universo:

Aonde você chegar e falar de Mestre Bimba é sinônimo de capoeira, todo mundo sabe que você está falando de capoeira, Mestre Bimba hoje é uma figura pública e incontestável, e a capoeira regional dele. Hoje você vê a capoeira que se ensina no mundo todo, no Brasil todo, quase 90% ou mais de 90% é derivado da academia do Mestre Bimba da capoeira regional, com algumas modificações, algumas adaptações que as pessoas tentam, umas felizes e outras infelizes, mas a capoeira do Mestre Bimba é a capoeira que está no mundo, que está no Brasil todo (*sic*).

Cafuné assim diz: “Mestre Bimba para mim foi a princípio um mestre, um professor de capoeira, mas à medida que a gente ia se aproximando, ia tendo contato e convivendo com ele, a gente sentia que ele era muito mais do que isso, ele era um professor de vida, ele me colocou na vida, me ensinou a viver”.

Sariguê se refere à Bimba dizendo ser o mestre uma “figura altiva” e essa sua maneira de ser brioso lhe magnetizava. Afirma ainda que Bimba se impunha pela sua presença, “não precisava falar nada a presença dele já era o suficiente”.

Arara considera mestre Bimba “um chefe de família austero, rigoroso, mas um chefe de família que também mostrava suas alegrias, suas descontrações, a exemplo das festas de formatura”.

Quando perguntamos ao Sacy, quem era Mestre Bimba para ele, que imagem tinha de mestre Bimba, ele foi enfático, pediu permissão para falar de pé, e justificou dizendo que “tem pessoas que temos que reverenciar mesmo não tendo a oportunidade de falar diretamente para o mestre, contudo, estou falando com um aluno do mestre, um contemporâneo meu” (*sic*).

Mestre Bimba, para mim era como se fosse um pai, como era para os demais companheiros, ele não era somente um mestre de Capoeira, era um educador, do orientador, do amigo, que nos guiava no caminho certo, com suas palestras, com as suas aulas, durante as suas solenidades nas academias, o qual era verdadeiro *showman*, mas antes era realmente um grande educador. Mestre Bimba para mim foi um grande educador (*sic*).

Perguntamos também a Escurinho quem era Mestre Bimba? Ele prontamente e até com um ar emocionado assim respondeu: “Mestre Bimba não era, ele continua sendo. Mestre Bimba, para mim é um segundo pai”. E afirma que em todas as oportunidades que tem, nas palestras, nos encontros com amigos e familiares, ele sempre comenta afirmando que mestre Bimba tem um significado especial para ele e, por isso, o considera um segundo pai. Disse ainda que tem no seu quarto a fotografia do mestre.

Afirmou que teve um contato mais próximo, mais verdadeiro com o mestre do que com o próprio pai. Disse que com o pai biológico era reprimido das suas pintanças, muitas vezes com castigo e até apanhava de palmatória e cipó cabloco. Seu pai nunca chegou para conversar com ele e, com Mestre Bimba teve a felicidade, ele foi um educador, não só colocou a arte marcial, a defesa, mas Mestre Bimba ensinou a maneira de chegar, por esse motivo nunca sofreu nenhuma agressão (*sic*).

Boinha retorquiu da seguinte maneira: “Mestre Bimba para mim é um pai. É um pai porque ele não foi para mim somente um mestre de capoeira, um educador e um orientador.”

Relata então a sua história:

[...] quando cheguei lá na Academia no início da década de sessenta para aprender Capoeira, não foi para adestrar o meu corpo, fui aprender pra brigar, meu objetivo na Capoeira era brigar, mas chegando lá em poucos meses, eu vi que era completamente diferente, eu queria aprender algo que não condizia com as normas de Bimba, percebi que estava fora das normas, então o mestre, um dia ao terminar a aula falou. Todo mundo pode ir, Boinha você fica sentado naquele banco. Os colegas saíram intrigados com aquela atitude do mestre. Então o mestre me passou um sabão, me deu um puxão de orelha, dizendo que a Capoeira era para educar e não simplesmente agressão.

Disse ainda que o mestre falava por parábolas e que naquele momento ele não entendeu bem o recado, porém, hoje pode compreender o significado daquela lição e mais uma vez afirma, “Mestre Bimba pra mim é um pai, orientador, um homem maravilhoso”, por esse motivo no início da entrevista Boinha se coloca dizendo ser um eterno discípulo de Bimba.

Geni, respondeu a questão dizendo que:

É uma figura muito fácil e ao mesmo tempo muito difícil de dizer quem era Mestre Bimba. Eu considero o Mestre Bimba assim, o Lutero na Capoeira, uma pessoa que causou um reviravolta, uma reforma global na Capoeira. Eu acho se não fosse Mestre Bimba, é lógico a Capoeira estaria hoje aí, mas não com essa roupagem que está. Se nós fomos ver hoje a Capoeira está em mais de 170 países, e foi Mestre Bimba o primeiro mestre a organizar a Capoeira. Mestre Bimba foi o primeiro mestre a registrar uma academia de Capoeira. Foi o primeiro mestre a fazer com que a Capoeira fosse vista com outros olhos, porque começou a trabalhar a Capoeira na sociedade, trabalhando na sociedade essa Capoeira foi para o colégio, para a universidade. Eu acho que Mestre Bimba foi o grande marco na história da Capoeira. Se não fosse Mestre Bimba, a Capoeira não estaria hoje como está. Você vê que a Capoeira hoje está em mais de 170 países, tem mais de 25.000 websites, oportunizando empregos para pessoas que não teriam oportunidade e a Capoeira, posso dizer é a maior embaixatriz da nossa cultura, do nosso Brasil (*sic*).

Galo responde o questionamento dizendo:

Que chega a emocionar, porque todos aqueles alunos como você que realmente cresceram sabem que, algo mais, da relação e da interferência, sei lá, da posição até cíclica, eu diria e metodológica de Mestre Bimba, sobre todos nós. Quem é Mestre Bimba? Foi em uma época tudo e passa e continua ser a razão pela qual estamos aqui, ainda aquele grande mentor, aquele grande orientador (*sic*).

Comenta ainda que tem realizado algumas palestras, não apenas as específicas de sua área veterinária, mas as que têm a temática da capoeira, o que lhe dá muito prazer e cita como exemplo: "Capoeira retrato de uma época" e "Capoeiragem, a arte de gingar com vida". Afirma: isso é o retrato de mestre Bimba!

Quando perguntamos a Decanio quem é mestre Bimba prontamente ele afirmou: “É muito difícil responder”. E reportando-se a maestria da capoeira, disse só existir um mestre de capoeira. E mais, disse não conhecer ninguém para botar junto de mestre Bimba. “Ele é o segundo estágio dos meus ídolos, porque o primeiro é Jesus”. O primeiro, ele encontrou aos oito anos de idade e o segundo, ele encontrou aos dezesseis anos incompletos, o que ele chamou de coincidência marcante, e destacou ainda um terceiro que são dois ídolos para ele: Carybé e Verger.

Outrossim, Decanio nos fala sobre o depoimento de Itapoan no filme "Mestre Bimba: a capoeira iluminada", sobre a transferência de Bimba para Goiânia, que achou muito bonito quando Itapoan falou, “na Bahia Bimba não morreu e não seria abandonado nunca”. “E

Bimba, na minha casa, teria não um quarto, mas um altar, para que nós pudéssemos cultuá-lo como pai, um exemplo de correção”.

Angoleiro conta das suas dificuldades no aprendizado da capoeira, lembrando que mestre Bimba tinha muita paciência com ele, mandava repetir os golpes várias vezes, foi muito cuidadoso, portanto ele foi um pai e uma mãe para ele.

Analisando as falas de cada um dos entrevistados entendemos que mestre Bimba foi significativamente importante na vida de cada um deles, mesmo esses alunos tendo convivido em épocas diferentes. Não se pode aquilatar aqui a duração e a intensidade dessa convivência, assim como o processo da relação interpessoal e os frutos disso para cada indivíduo.

Nas entrevistas, eles deixam transparecer a emoção quando falavam de mestre Bimba. Percebemos também que o estado emocional tem um significado arraigado, porque se configura particularmente na história de vida de cada um, em que ao longo do tempo puderam eleger Bimba como um arquétipo, ora reforçando um estado conflituoso da adolescência, ora como um símbolo para suas vidas.

Para Mattedi (1997, p. 9), “Os arquétipos e as forças impulsionadoras que eles representam não são nem construtivos, nem destrutivos por si só. Eles podem desempenhar os papéis, dependendo do modo como se integram na vida da comunidade ou do indivíduo e do modo como são vividos em termos do aqui e agora”.

Essa admiração por mestre Bimba, antes dispersa, guardada no âmago de cada sujeito da Regional de Bimba, vem se revelando aos poucos pelo crescimento e valorização da capoeira no mundo inteiro. A participação, cada vez mais crescente dos alunos de Bimba nas rodas de capoeira, nos debates, nos batizados, nas formaturas, nos seminários e, sobretudo, através das pesquisas, tem oportunizado descobertas inusitadas sobre a Capoeira Regional.

Temos acompanhado inúmeros relatos referentes à história de vida, em que esses sujeitos depõem sobre suas experiências vividas junto a mestre Bimba. São na maioria das vezes histórias e descobertas fantásticas, favorecidas pela simplicidade da comunicação, acompanhadas pela exteriorização das emoções, propiciando dessa maneira uma declaração aberta dos seus medos, das desconfianças, dos aprendizados, das emoções, da satisfação e da alegria de ter convivido com mestre Bimba em alguma época.

Como frisou Decânio, todo aluno de Bimba tinha que ser batizado para deixar de ser um simples homem e ganhar uma conotação diferenciada na sua comunidade, “ser aluno de Bimba e da Capoeira Regional, não simplesmente um homem da capoeira.

Portanto, distinguimos nos relatos acima um forte simbolismo de mestre Bimba como um pai, aquele que orienta, que guia, que dá segurança, que ensinou a arte dos relacionamentos e os preparou para enfrentar a vida sempre gingando.

12.1 REPRESENTAÇÃO E IMAGEM DE MESTRE BIMBA PARA OS CAPOEIRAS

Como sabemos, a capoeira tem evoluído muito em vários aspectos, entre eles destacamos o quantitativo baseado em números de grupos, associações, federações, ligas, projetos e praticantes. No aspecto qualitativo, salientamos a inclusão da disciplina Capoeira nos cursos de graduação em educação física, grupos de pesquisa ligados às universidades, grupos de estudos dos grupos de capoeira, cursos de formação de mestres instituídos pelos grupos de capoeira, federações de capoeira e pela Confederação Brasileira de Capoeira, além dos muitos eventos onde ocorrem oficinas diversas: Capoeira e Educação; Capoeira Regional; Capoeira Angola; Construção de Instrumentos; Capoeira, Educação e Cultura; Capoeira para Portadores de Necessidades Especiais; Capoeira para Crianças em Situação de Risco; e tantos outros, todos eles colaborando decisivamente para uma melhor qualificação dos instrutores, professores, contramestres e mestres de capoeira.

Nessa ansiedade de adquirir cada vez mais conhecimentos sobre a capoeira, temos observado, entre outras coisas, o interesse e a expectativa desses novos docentes em captar informações detalhadas sobre mestre Bimba e sua Capoeira Regional. Essa busca passa pelo fascínio da conversa com os ex-alunos, que orgulham-se em afirmar terem sido alunos de Bimba.

Algumas vezes fomos verdadeiramente surpreendidos pelo acolhimento, espanto e encanto de umas boas conversas amistosas com esses mestres e seus alunos, demonstrando uma forte emoção de estarem conversando com os descendentes diretos de Bimba e ouvindo histórias vividas com Mestre Bimba. Possivelmente, todos eles estavam tentando reelaborar ou confirmar uma imagem de um mito da capoeira – Mestre Bimba.

Devido ao que foi anteriormente exposto é que resolvemos investigar, saber mais pelo método empírico, como esses sujeitos idealizavam Mestre Bimba. Que perfil eles traçavam? Então perguntamos: que imagem tem você de Mestre Bimba? O quê Mestre Bimba representa para você?

Cabloca, disse que a imagem que tem é:

De um descendente afro-brasileiro, que viveu na Bahia numa época de muitas lutas sociais, sendo o Movimento dos Capoeiras, uma delas. Os capoeiristas de sua época tinham que jogar/conviver driblando suas práticas culturais num sistema no qual eram desprivilegiados. Mestre Bimba, assim como outras significativas lideranças no cenário da Capoeira baiana, conduziu, impôs e realizou seus propósitos, mesmo ele próprio, não alcançando os desdobramentos do seu trabalho, nem recebendo o retorno que esperava ter (*sic*).

Cabloca, professora de educação física, docente universitária, 43 anos, cinco anos de ensino de capoeira, pertencente à Escola de Capoeira Angola Irmãos Gêmeos de Mestre Curió, cita que mestre Bimba representa para ela “uma liderança no conjunto das personalidades da cultura brasileira, que utilizou sua bagagem de conhecimento, inteligência, talento e poder que detinha, para implantar um desejo, uma idéia que se firmou como contribuição na história geral da capoeira na Bahia e no Brasil”.

Pangolim tem 30 anos de idade e 14 de ensino de capoeira. Formado em Educação Física e pertencente ao Grupo Gueto. Afirma que mestre Bimba foi “um visionário com grande capacidade de liderança” e, que o mestre representa para ele “um criador da Capoeira Regional e promotor da divulgação da capoeira no mundo”.

Balão, um jovem de 35 anos, porém com a experiência de 14 anos no ensino da capoeira, empresário, mas, sobretudo professor de capoeira e líder do CTE Capoeiragem, distingue mestre Bimba como “um líder, uma pessoa com inteligência emocional bastante apurada. Um guerreiro”. Diz, ainda, que Mestre Bimba representa para ele um exemplo de dignidade, sabedoria e perseverança. Essa representação simbólica parece exercer uma significativa influência, pois Balão relata que todos os dias ao passar pelo monumento de Mestre Bimba em Amaralina ele se benze. Ele o reverencia.

Boneco é empresário e capoeirista. Lidera o Grupo de Capoeira Brasil, tem 43 anos e 26 ensinando capoeira, inclusive boa parte desses anos nos Estados Unidos. Assevera que se sente um parente de Bimba, “um pouco neto” e se refere ao parentesco pelo motivo de ter aprendido capoeira com um dos discípulos de Mestre Bimba. Considera o mestre “uma pessoa iluminada, um líder nato, muito a frente do seu tempo”. Também ressalta ser Bimba um marco da capoeiragem e “uma importante figura que nos ajudou muito a conseguirmos viver com a dignidade da capoeira”.

Minhoca, professor de Educação Física e empresário de 30 anos, ensina capoeira a dez anos e lidera o Grupo Paranaê Capoeira. Faz alusão a Mestre Bimba comparando-o a outras grandes personalidades mundiais.

Mestre Bimba é na capoeira o que foi Einstein, Galileu, da Vinci, Colombo e tantos outros em diferentes áreas e em diferentes épocas, foi um ser iluminado. Além da contribuição da criação da capoeira regional, ele, também, foi um exemplo de profissional, de educador, de pai. Não tive a satisfação de ser aluno ou de conhecê-lo, nasci em 1975, mas quando ouvimos um aluno dele falando sobre o mestre, você entende o que é capoeira. Ele é A PURA CAPOEIRA REGIONAL. Ele representa aquilo que ele fez de melhor na vida dele, que ele criou, a capoeira regional. E como a capoeira é vida e nós representamos a vida através do que aprendemos nela, o Mestre Bimba se tornou minha vida. Seus ensinamentos, apesar de não os ter visto, ao gravar e fazer plenárias com aqueles que foram seus alunos você se sente mais cidadão, mais gente, mais digno, pois foi isso que ele fez com que se tornasse a capoeira, um instrumento de cidadania (*sic*).

Daiola - 36 anos, 20 anos de prática e 10 anos ensinando capoeira em escolas, condomínios e academias e uma liderança da Associação Jequitibá de Capoeira - diz que imagina mestre Bimba como sendo um homem distinto, observador, homem de poucas palavras, porém de atitude. Usou a sua inteligência e conhecimento, não aquele adquirido nos bancos escolares, mas nos bancos da vida para criar algo que hoje é apreciado no mundo inteiro. Chama atenção que o mestre também teve a humildade de aprender o que havia de melhor em seus alunos.

Afirma: “Mestre Bimba para mim é o símbolo da resistência, pois conseguiu trazer para o mundo o que todos, em sua época, escondiam. Ele mereceu e ainda merece ser lembrado, pois na sua trajetória venceu parte do preconceito e fez história”.

Já Carson - um capoeirista mais maduro de 47 anos, dos quais 21 anos dedicados ao ensino da capoeira, inclusive na universidade - é formado em Educação Física e integrante do Grupo Muzenza em Porto Alegre.

Assim se refere: “Para mim ele foi e é uma figura muito importante para a capoeira, ou melhor, fundamental! Imponente, poderoso, carismático, um grande líder”. Explica que pelos seus estudos tem uma imagem de mestre Bimba de “um homem simples e de vida regrada com objetivos bem claros: o de ensinar capoeira e fazê-la crescer e ser aceita por toda a sociedade. Lembra ainda ser Bimba um marco, uma referência e ressalta a admiração e o respeito que têm seus alunos por ele. Um homem que mudou o rumo da história.

Carlos Amorim é capoeirista de 37 anos, com 21 dedicados à prática da capoeiragem, professor de educação física com experiência acadêmica, inclusive na cadeira de Capoeira e pertencente ao Grupo Bahia Arte. Entende ser “mestre Bimba um homem de personalidade forte, detentor de muita sabedoria, formado pela escola da vida, exímio lutador e possuidor de uma habilidade natural para o combate”.

Destaca Bimba como um autêntico representante da revolução no mundo da capoeira, referindo-se ao seu método de ensino e lembra que foi um representante importante da cultura negra no Brasil.

Queijadinha d'Angola - 52 anos, professor de educação física e Doutor em Educação, sendo sua área de concentração a Capoeira na Escola - não pertence a nenhum grupo específico e não declarou ter experiência no ensino da capoeira. Para ele mestre Bimba é:

“O Lutero da Capoeira”, como disse Carybé
 “Um divisor de águas”, como disse Muniz Sodré
 “Um dos pontos turísticos da Bahia”, como disse Itapoan
 “O tal”, como disse Frede Abreu
 “Um pai”, como disse Atenilo
 “Um bamba”, como exclamou a platéia que compareceu ao Largo da Sé, no Parque Odeon, para assistir, no dia 06 de fevereiro de 1936, a luta entre Bimba e Henrique Bahia
 “Um verdadeiro mestre”, como afirma Itapoan
 “Um dos grandes Capoeiras”, como afirma Queijadinha d'Angola (*sic*).

Gladson, de 63 anos, também graduado em Educação Física, professor do Centro de Prática Esportiva da Universidade de São Paulo (CPE-USP), praticante de capoeira a 39 anos, dos quais 36 destinados à docência da arte de capoeirar, exerce a mestria do Grupo Projeto Liberdade Capoeira. Diz que foi “um privilegiado em conhecer mestre Bimba nos idos de 1970, uma vez que foi aluno de Ayrton Moura (mestre Onça)”.

Ressalta o prazer do encontro com mestre Bimba em algumas marcantes ocasiões no Nordeste de Amaralina e na academia no Terreiro de Jesus, em Salvador, no Simpósio do Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro, e na Associação Kapoeira, em São Paulo, quando recebeu uma homenagem do mestre Onça.

Esses encontros e a história de Bimba denotam para ele “um conceito de um cidadão brasileiro, amante da sua cultura, firme, enérgico, brincalhão, com imponência típica de um grande mestre com experiências adquiridas na grande universidade da vida”.

Representa para ele “o exemplo de um homem cômico do seu querer, que acreditou na sua forma de ver e entender a vida através da capoeira, numa época em que o novo assustava”. Admite ser Bimba um dos grandes responsáveis pela trajetória da capoeira na atualidade.

Gavião, outro capoeirista de Porto Alegre, de 37 anos e 20 anos dedicados ao ensino da capoeira, abraçou a profissão de mestre de capoeira do Centro Cultural de Capoeira Oxóssi. Disse que a imagem que tem de Bimba é de uma “pessoa que teve a coragem de transformar a Capoeira Angola em um produto cultural, esportivo, político e social”.

Representa ainda o mestre maior, representa "a referência da capoeira atualizada, uma construção concreta de políticas públicas para a capoeira".

Tosta, de 30 anos, pratica capoeira a 15 anos e ministra aulas em escolas e academias a 11 anos. É professor de educação física e orientador do Centro de Ensino Camugerê de Capoeira.

Para ele, mestre Bimba era “um homem forte, perseverante, lutador que acreditava acima de tudo no seu ideal e que lutou muito para deixar uma obra que mudaria para sempre a concepção da capoeira”. Uma pessoa iluminada de atitude, de pulso forte, que acreditando na sua arte mostrou para a nossa sociedade e para o mundo a força que a capoeira tem.

Representa "um ser criador que estava a frente de sua época"; mesmo com pouca escolaridade criou a Luta Regional Baiana, um instrumento que mudaria a vida de todos os discípulos”. Ele também se enquadra na figura do discípulo declarando com firmeza que acredita cada vez mais nessa arte que é a capoeira.

Burguês, mestre de Capoeira de 50 anos, 38 de praticante e 32 destinados ao ensino é o principal mentor do Grupo Muzenza de Capoeira, cuja matriz esta localizada em Curitiba. Para ele, mestre Bimba é um exemplo de vida para os profissionais que militam na capoeira, porque sem ter tido a oportunidade de frequentar uma universidade foi capaz de criar algo novo, por isso o considera um gênio. Da sua invenção destaca a roupagem nova para a capoeira, a metodologia de ensino e a formatura. “Um dos maiores gênios da capoeira”.

Falcão, professor universitário, Doutor em Educação pela UFBA, com 50 anos de idade, 30 de prática, dos quais 20 anos dedicados ao ofício do ensino. Pertence ao Grupo Beribazu de Brasília:

Eu tenho a imagem de que Mestre Bimba foi uma pessoa de forte personalidade, um grande estrategista que soube muito bem aproveitar o seu potencial carismático e performático (no sentido da aptidão atlética) para emplacar uma das mais significativas re-significações que aconteceram no contexto da capoeira baiana. Mestre Bimba significa para mim a figura do oprimido que aproveitou as contradições do sistema dominante para afirmar uma proposta cultural (a Luta Regional Baiana) construída a partir de negociações constantes entre os códigos culturais dominantes e àqueles forjados pelas camadas exploradas da sociedade baiana. Um grande negociador, no sentido mais amplo que esta palavra pode abranger (*sic*).

Dudu, integrante da Ginga Associação de Capoeira, tem 30 anos, praticante da capoeiragem desde tenra idade, tendo iniciado na arte da capoeira na "Ginga" aos três anos, juntamente com seus dois irmãos. Formado em Educação Física, leciona capoeira a sete anos. Disse ser Bimba "a personificação de toda a cultura africana, o qual se utilizou da sua inteligência para criar um estilo novo de capoeira”. Acompanhando os relatos de pessoas que

conviveram com Bimba, tem uma imagem desse homem como “uma pessoa detentora de uma personalidade muito forte e marcante”.

Lucas, de 44 anos, dos quais 30 de prática ininterrupta e 27 ministrando aulas em academias, escolas e universidades, é formado e Mestre em Educação Física. Depõe ser mestre Bimba “um marco referencial no mundo da capoeira”

12.2 NENEL E NALVINHA: O SENTIMENTO DOS FILHOS

É deveras interessante, uma curiosidade mesmo, saber do entendimento e dos sentimentos dos filhos de mestre Bimba sobre a figura do seu pai. Qual a visão e o que realmente representa Bimba para eles, considerando a situação inusitada de filhos, de alunos, de professores de capoeira e, mais, de participantes ativos da cultura baiana.

Nenel explica que:

Para falar de meu pai é meio complicado. Ele era uma pessoa especial. Vejo, ele como uma pessoa que nasceu com um dote a mais, mais que simplesmente um ser humano. Existem pessoas que tem uma missão nessa vida. Bimba é uma dessas pessoas que veio para deixar sua contribuição para a eternidade (*sic*).

Perguntamos em seguida a Nenel. Qual a sua visão do mestre Bimba como pai? Ele respondeu de maneira enfática: “não consigo separar a imagem de Bimba como mestre e pai. Para cada pessoa ele tinha uma forma de tratamento. Ele não separava as pessoas, não distinguia entre os filho de sangue e os filhos da escola de capoeira”.

Nalvinha, umas das últimas filhas que chegou a iniciar na arte de capoeirar, numa época em que preconceitos e tabus erram arraigados, necessitando de arrojo e determinação para aprender a capoeira no meio de rapazes, alunos/filhos de Bimba. Nalvinha comenta sempre que mestre Bimba tinha um enorme desejo o qual foi realizado em parte: o de criar um grupo especial de alunas, ensinar a sua arte para as mulheres.

Nalvinha reportando-se sobre sua história de vida comenta sobre fatos interessantes como filha e aluna de capoeira de Mestre Bimba:

Mestre Bimba para mim, além de ser meu pai, lógico que foi um pai dez, acho, porque tive uma vida muito difícil, ele era preocupado com o nosso futuro, nosso bem estar da família, apesar de ter tido filhos com várias mulheres, mas sempre conseguiu cuidar de todos, unir todos. Você lembra, que no show cultural tinha eu, Nenel, tinha mais dois Demerval e Bilósca que era de outra mulher, que a gente se dá bem até hoje. Então ele era assim, um pai que se preocupava com os filhos em todos os aspectos, na educação, na saúde e principalmente com o futuro. Ele se preocupava muito, possivelmente por ele ter tido a gente já com a idade avançada, então passava na cabeça dele que ele iria e a gente ia ficar e aconteceria o momento que a gente ia precisar dele, como realmente aconteceu. Ele se preocupava muito que a gente estudasse e por isso mantinha a gente na escola particular, porque achava que ele pagando era melhor pra gente, pra gente aprender, ter mais segurança, então eu acho, que para mim foi um pai dez, além de um educador. Ele também educava a gente pela Capoeira, lembro quando ele sentava com vocês depois da aula para conversar sobre Capoeira, a gente estava junto com vocês, participando junto (*sic*).

12.3 MESTRE BIMBA: O MITO SAGRADO DA CAPOEIRA

Analisando os depoimentos dos alunos de mestre Bimba - mestres, contramestres e professores de capoeira - identificamos nas suas falas o apreço, admiração, respeito e reverência, que revela para todos uma relação do entendimento de um mito. Muniz Sodré (2002, p. 106) atesta que “mestre Bimba foi e continua sendo restituído pela memória de hoje. Filhos e discípulos o perpetuam,; reverenciam-no aqueles que, por secreta afinção com o povo, escutam o apelo dos cablocos, os “donos da terra”, no toque do berimbau”. E ressalta as homenagens recebidas, principalmente a de 12 de junho de 1996, a outorga do Título de Doutor *Honóris Causa* pela UFBA.

A imagem que os entrevistados fazem de Bimba aflora da consciência interpolada pelo processo inconsciente. A consequência disso é que tudo que se apresenta como realidade imediata consiste em imagens bem configuradas e que, indica, portanto, que nós vivemos, na verdade, somente num mundo de imagens.

Silveira (2000, p. 85), citando Jung, certifica que ele reconhece na imagem grande importância, assim como nas fantasias e nos delírios. Para a autora, Jung vê nos produtos da função imaginativa do inconsciente autos-retratos do que está acontecendo internamente na psique, sem quaisquer máscaras ou véus, pois é peculiaridade essencial da psique configurar imagens de suas atividades por um processo inerente à sua natureza. “A energia psíquica faz-se imagem, transforma-se em imagem”.

Silveira, sobre as obras de Jung, assegura:

Através de toda obra de Jung, encontram-se inúmeras leituras de imagens, sejam de sonhos, visões, desenhos, pinturas, sempre estudadas em série, pois “essas imagens são auto-representações de transformações energéticas que obedecem as leis específicas e seguem direção definida”. Trata-se de tentativas de realizar o processo de individualização que consiste na dialética entre o ego e imagens do inconsciente.

Silveira diz que sobre as imagens de caráter mitológico, Jung enuncia que “são linguagem inata da psique em sua estrutura mais profunda. E é aí que estão as raízes de nossas vidas psíquicas, fonte de toda a imaginação criadora”.

Para Campbell (1990, p. 5), em o **Poder dos mitos**, sobre o sentido da vida:

Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos. É disso que se trata, afinal, e é o que essas pistas nos ajudam a procurar, dentro de nós mesmos.

Campbell se refere a mitos dizendo que são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana. Assegura ainda que os indivíduos que lêem sobre os mitos são capazes de se voltar para o seu interior e aí começam a captar mensagens dos símbolos. “O mito ajuda a colocar sua mente em contato com essa experiência de estar vivo”.

Os seres humanos sempre foram criadores de mitos. Somos criaturas eternamente em busca de sentidos.

Segundo Armstrong (2005, p. 9):

Os seres humanos, por sua vez, facilmente se desesperam, e desde a origem mais remota inventamos histórias que permitem situar nossas vidas num cenário mais amplo e nos dão a sensação de que a vida, apesar de todas provas caóticas e arrasadoras em contrário, possui valor e significado. Outra característica peculiar da mente humana é a capacidade de ter idéias e experiências que não podemos explicar racionalmente. Possuímos imaginação, uma faculdade que nos permite pensar a respeito de coisas que não se situam no presente imediato e que, quando as concebemos, não têm existência objetiva (*sic*).

A imaginação também é uma faculdade que permite aos cientistas caminharem na busca de novos conhecimentos e criarem tecnologias que nos favorecem incomensuravelmente. A imaginação dos cientistas os levou a estabelecerem leis, teorias, que nos levaram às viagens espaciais e outros feitos que somente eram possíveis no reino da mitologia. “Tanto a mitologia quanto a ciência ampliam os horizontes do ser humano”.⁶⁸ Portanto, a mitologia como a ciência e a tecnologia, nos incita a viver mais intensamente neste mundo e não nos afastarmos dele.

⁶⁸ *Ibid.*

May (1993, p. 3), citando Malinowski diz que “considerando-o vivo, o mito [...] não é uma explicação que responda a um interesse científico, mas uma renovação narrativa de uma realidade primordial, contada como resposta a desejos religiosos profundos, a ânsias morais”.

Um mito realmente é um modo de dar sentido a um mundo sem sentido. Mitos são padrões narrativos que dão significados à nossa existência. Os mitos são nosso modo de encontrar esse sentido e esse significado. “Os mitos são como as vigas de uma casa: invisíveis a uma visão exterior, são a estrutura que mantém a casa de pé para que as pessoas possam morar nela”.⁶⁹

O mito serve para orientar esses capoeiras para a realidade. Nascido de evento histórico, carrega valores da sociedade e o faz encontrar o seu sentido de identidade. Podemos então dizer que conhecemos o nosso povo através dos seus mitos.

O mito desperta um sentido de identidade pessoal, fortalece os nossos valores morais, torna possível a nossa aceção de comunidade e proporciona imensa capacidade para criar. “É por meio dos mitos que os homens são suspensos acima de suas capacidades no cotidiano, alcançam visões poderosas do futuro e realizam tais visões”.⁷⁰

Percebemos que tanto os alunos de mestre Bimba, como os mestres, contramestres e professores de capoeira têm mestre Bimba como um mito, o que proporciona um maior sentido às suas vidas pessoais, uma maior valoração profissional fundamentada na história de um homem vencedor, um herói por ter suplantado suas dificuldades, suas limitações e sua pouca instrução, vencendo o preconceito de um ofício e projetando-o para o mundo numa dimensão jamais vista.

Muniz Sodré (2002, p. 19) cita que o “fato é que de Bimba, hoje, pode-se dizer muitas coisas, pode-se até mesmo ficcionalizar, porque ele já é imagem pública, vive na esfera dos símbolos míticos da Bahia, que dão volta ao mundo por intermédio das atividades dos antigos alunos”. Lembrando das biografias e cantigas de louvação, Itapoan (2005, p. 102) assim se expressa: “talvez a capoeira produza um novo mito, mas duvido muito que tenha a amplitude e o brilho do meu mestre, do mestre Bimba, o Senhor Capoeira, que conversa, me guia, diz, ensina e “entra” na roda comigo”. Para Decanio, “Bimba não é gente, Bimba é um semi-deus encarnado, Bimba não vai ser repetido”. O mito Bimba transfigura-se no âmago de cada capoeirista, intensifica e codifica a crença, protege e reforça a moralidade, legitima o ritual e contempla as regras para o jogo e para a orientação do homem.

⁶⁹ *Ibid.*

⁷⁰ Peter Berger, autor de *Pyramids of Sacrifice*. In. MAY, Rollo. **A procura do mito**. São Paulo: Manole, 1992.

Capoeira Regional é luta. É jogo. É arte de usar a cabeça e o corpo na luta, no jogo da capoeira, nas brigas de rua, na defesa pessoal. Sem limites. Sem regras.

Wilson Pires (Maxixe).

13 CAPOEIRA REGIONAL: UMA VISÃO DOS ALUNOS DE BIMBA

Aqui discutiremos os pontos de vista e o entendimento dos alunos de mestre Bimba e de mestres, contramestres e professores de capoeira, a respeito da Capoeira Regional. Queremos esmiuçar algumas particularidades inerentes ao olhar daqueles que conviveram diretamente com Bimba e igualmente daqueles pertencentes à nova geração de capoeiristas.

Sabendo de antemão que os nossos entrevistados tiveram uma expressiva passagem pelo Centro de Cultura Física Regional em diferentes épocas, é que nos instiga a interrogarmos sobre a impressão que têm cada um deles sobre o CCFR.

Cafuné assim se coloca:

Eu tenho duas impressões fortes. Uma que era o local de aprendizagem não só de capoeira, mas como aprendizagem de vida e a segunda, a impressão de uma irmandade muito grande, um companheirismo, uma comunicação muito grande, uma cumplicidade muito forte entre as pessoas que estavam ali e que praticavam. E isso não tava só ali dentro como a gente levava isso também para fora, nossos colegas que estavam ali com outras pessoas que estavam de fora, a gente começava a praticar aquela cumplicidade, aquela amizade e harmonia que a gente tinha ali dentro.

Para Medicina:

O Centro de Cultura Física Regional ainda vai merecer muitos estudos sobre a sua fundação e manutenção. Não sei como ele sobreviveu inclusive após já ser considerado um local de referência para a capoeira com aquela administração tão primária do Mestre Bimba. Como pude participar e ajudar na parte da administração financeira (naquela época não possuía nenhum conhecimento sobre o assunto) após oito meses do meu ingresso para aprender capoeira até o meu afastamento, quando já médico e fazendo pós-graduação e também cuidando das necessidades médicas do Mestre Bimba juntamente com o Mestre de capoeira Ângelo Decanio, meu mestre na Faculdade de Medicina em Técnica Cirúrgica (que dominava como poucos professores e médicos baianos). Somente sei que as dificuldades financeiras e a falta de uma administração efetiva levaram a sua falência e a inseqüente transferência do Mestre Bimba e suas famílias para Goiânia (*sic*).

Gato Branco se refere ao centro de cultura física dizendo: “para mim naquele tempo, é que o centro formava bem os jovens. Bimba buscava alguma forma de ensinar, transmitir, os ensinamentos da capoeira regional, como uma defesa pessoal, com um misto de dança folclórica (*sic*)”. Porém, “não somente se detinha a ensinar defesa pessoal, ensinava a parte comportamental, como a gente devia se comportar como capoeirista”. Enfoca ainda, que esses ensinamentos adquiridos na academia lhe têm servido muito na vida profissional.

Galo é enfático afirmando que:

Mestre Bimba tinha um nivelamento para todos os alunos, ele impunha aquela austeridade no ensinamento, agora, tinham alguns alunos que ficavam no Esquento Banho e as vezes no Sitio Caruano depois das festas e, as vezes nos íamos para lá onde acontecia uma festa, eu diria familiar, da família de Mestre Bimba, dos seus capoeiristas. Então a gente tinha um tratamento, assim, eu diria em determinados momentos. Essa é outra imagem que vem, depois que ia todo mundo embora, tanto lá, mas principalmente lá em cima no terreiro, ele ficava sentado naquela janela - se lembra Helio? - e botava os pés pra cima e ficava batendo papo com a gente, aquilo era outro ensinamento, porque aí ele relaxava e começava a contar as suas histórias, histórias que nos ensinavam sem precisar estar naquele momento dando pernada, estava nos ensinando como interpretar todos os passos e as pernadas que ele deu na vida (*sic*).

Angoleiro conta muitas histórias da sua inserção na capoeira, dizendo que inicialmente começou a praticar Capoeira Angola com mestre Pastinha e depois por insistência do seu pai chegou até a academia da Capoeira Regional de Bimba. Relata, ainda, que no início não gostava muito, mas que contou com o apoio decisivo de Bimba: “eu contei com a paciência de mestre Bimba, ele tinha o maior carinho, ele tinha um cuidado comigo que era um negócio, ele não era um pai não, ele era uma mãe muito cuidadosa, 'bota a perna aqui Angoleiro' e me levava com jeito”. Angoleiro ainda diz que ele era uma pessoa difícil, “muito torto em matéria de comportamento de rua” e que na escola, em casa, na academia, ele tinha um tipo diferente da personalidade “meio doida” que apresentava na rua. Esse comportamento deu margem a mestre Bimba lhe aplicar uma punição, "uma suspensão" que coincidiu com o dia da formatura. Admite Angoleiro que esse fato lhe marcou profundamente.

Angoleiro conta em detalhes o fato incomum:

[...] a suspensão aconteceu no dia da minha formatura, a minha madrinha seria inclusive Emilia Biancardi, tava tudo certo, tudo bonito, ela estava pronta para ser a madrinha e ele me deixou na casinha, uma budeguinha onde era servida a mulher barbada lembra, ele me deixou ali, meu parceiro de formatura era Medicina Branco, que não é o Medicina de Itabuna. Então quando foi um dia ele passou na oficina de meu pai e disse ‘diga ao Angoleiro para ir lá, era perto do meu aniversário, meu aniversário é 25 de abril, isso foi em 1961. Então no dia 23 de abril num domingo cheguei lá, ele fez uma roda pra mim e me formou, a festa não foi lá no Sítio Caruano. Pois bem, ele me formou, fez a roda comigo, foi uma festa muito bonita, eu chorei pra burro na época, fez o jogo do ‘tira-medalha’, me deu minha medalha e me deu de presente, uma coisa que tenho até hoje que foi o dobrão de Santa Cecília dele como uma forma de expressar seu carinho. Ele gostava muito de mim e eu andava muito com ele (*sic*).

Angoleiro cita ainda que mestre Bimba, nos intervalos de aula especialmente o do meio-dia, convidava-o para lhe acompanhar à oficina de seu pai e muitas vezes descia o Chariou Gonçalves para ir ao Cais do Ouro e sempre foi muito carinhoso com ele. Disse que mestre Bimba era engraçado, gozador, "moleque" e “uma pessoa totalmente diferente do que ouço falar por aí da dureza dele”.

Falando sobre a maneira de mestre Bimba ensinar a Capoeira Regional, Angoleiro fala particularmente de um momento em que o mestre procurava lhe ensinar um martelo, ou melhor, corrigir o golpe do martelo, o qual praticava de maneira perigosa e lembra dos exercícios que desenvolveu na cadeira. Acrescenta a forma didática usada por Bimba, sua paciência, “de maneira competantíssima e paciente que um didata efetivamente assumido, assuntado, entendeu, na sua base de sabedoria pode referenciar” (*sic*). Diz ficar intrigado com a complexidade da Capoeira Regional: "pra mim, complexidade saudável, é exatamente o fato dela ter sido instituída por essa relação apresentada por esse didata que foi mestre Bimba, mas com a sua própria pedagogia montada a maneira dele, uma pedagogia perfeita” (*sic*).

Escurinho - que disse militar na área da capoeira há 43 anos, colaborando com a Fundação Mestre Bimba, Projeto Capoeirê, escrevendo artigos, orientando mestres de capoeira, participando de eventos e ministrando aulas - asseverou que freqüentou assiduamente a escola de Bimba durante nove anos ininterruptos. “Eu andava colado com ele”. Lembrou ainda que foi um aluno privilegiado por ter acesso livre à academia, pois podia freqüentar as aulas de Capoeira Regional sem ter um horário fixo.

Escurinho, sobre a influência da Capoeira Regional na sua vida, salientou que "aprendeu a se relacionar com as pessoas e que o relacionamento entre indivíduos é uma arte de viver, é como uma arte de vender, ser um vendedor e essa experiência na academia de mestre Bimba lhe proporcionou oportunidades na sua vida profissional. Por esses e muitos outros motivos ele considera mestre Bimba um educador. “A imagem que tenho de Bimba é a de um educador”.

Nalvinha retrata a Capoeira Regional pela sua vivência no Grupo Folclórico:

Eu sambava e dançava o candomblé. O grupo de apresentações trouxe o ensinamento valioso para mim, foi a partilha. Sabe eu aprendi a partilhar e aprendi a me preocupar com o próximo. Você lembra principalmente quando nós viajávamos a preocupação que ele tinha com todo mundo, de ficar num bom lugar, ficar num hotel legal, ter boa comida, queria estar certo que todos estivessem bem, realmente se preocupava com todos (*sic*).

Ressalta que mestre Bimba fazia questão de dividir o cachê entre todos os participantes: alunos, tocadores e baianas. "Nesse ponto quero dar o meu testemunho de que eu participei do Grupo de Apresentações de Bimba e em diversas ocasiões recebi a partilha do cachê, que como estudante vibrava com a possibilidade de um bom fim de semana".

Sacy entende que o Centro de Cultura Física Regional "era uma escola de vida, ali você não somente aprendia a se defender e atacar, lógico, até como uma luta. Nós aprendíamos uma terapia de vida, dentro da academia de Bimba, lá você se desligava dos problemas”.

Assim revela: “não tínhamos problemas com os companheiros da capoeira, lá não havia inimizade, era um ambiente muito sadio”. Sobre o ambiente assevera que não existia fofoca por esse motivo. “Chegar na academia era como se tivéssemos chegando na própria casa”.

Arara afirma que entrou para “aprender a Capoeira Regional pela sua admiração, principalmente por julgar ser a capoeira mais dirigida para a defesa pessoal, também pela sua beleza”.

A impressão que guardo da Academia de Mestre Bimba tem um sentimento de muita fraternidade. A Academia era uma família, embora tivesse treinos meio quentes, mas existia o culto da amizade, uma amizade e companheirismo a toda prova. Tanto assim, quem mexia com um aluno de Bimba, podia estar mexendo com toda a Academia, mexia no enxame todo. A Academia tinha um ambiente bem família comandada por um chefe de família austero, que também mostrava suas alegrias, especialmente nas festas de formaturas, onde Bimba se mostrava mais descontraído e alegre (*sic*).

Para Geni, “na Academia de mestre Bimba a convivência era bastante franca. Mestre Bimba nos ensinava não somente a capoeira, mas ensinava a se ter o respeito mútuo, ensinava como na vida se ganha e se perde”. Contou, que teve a oportunidade de tomar um galopante de um companheiro de jogo e o mestre fez a pressão costumeira incentivando que corresse atrás do prejuízo, fosse em busca da forra.

Geni disse ainda que na academia de mestre Bimba, “a gente jogava uma capoeira forte. Em todas as aulas nós víamos acontecer os golpes da rasteira, vingativa, banda-de-costa, banda-traçada, galopante e ainda tinha o esquentar-banho, mas nunca presenciei uma briga”.

Mestre Bimba ensinava a gente ser um capoeirista, a respeitar o colega, a viver em comunidade, a saber se você tomou uma rasteira hoje é porque você vacilou, você deu um brecha, porém amanhã pode recuperar o tempo perdido. Na Academia de Mestre Bimba foi o lugar onde fiz bastantes amigos e aprendi mais do que na Capoeira Angola, mais que Capoeira de Rua, que na roda todo mundo é igual.

Decanio chama atenção que uma das lições da Capoeira Regional é simplesmente fazer as pessoas entenderem que não se cria nada sozinho, apenas o Deus Criador é capaz de fazê-lo. “Na verdade, a Regional no *boom* da capoeira não é de Bimba só, não é minha, não é sua, não é dele, não é de ninguém, é o dedo de Deus”. Relata a influência dos alunos na construção da Capoeira Regional, citando a influência de Sisnando na década de 1930, quando veio para Bahia estudar medicina e freqüentou intensivamente as aulas de Bimba.

A academia de mestre Bimba era uma verdadeira escola; escola essa que ensinava Capoeira Regional como principal motivação, no entanto extrapolava suas ações ensinando a viver, a ser um cidadão, um homem de princípios morais. O ensino da Capoeira Regional não se limitava unicamente à sala de aula, o espaço físico do CCFR, ele ultrapassava os muros da academia proporcionando novas experiências e conhecimentos.

A capoeira ensinada no CCFR tinha um vigor motivacional surpreendente, justamente pelos desafios impostos cotidianamente e um aprendizado baseado na experimentação constante e sempre na perspectiva da descoberta do novo.

Como se referiu Cafuné, era um local onde se aprendia capoeira, conviviam com os diferentes, enriquecia o espírito e se fazia amigos: “a gente começava a praticar aquela cumplicidade, aquela amizade e harmonia que a gente tinha ali dentro”. Medicina fala de uma situação deveras instigante, pois também relatou a confiança que Bimba tinha nos seus alunos e sempre os colocava para ajudar na administração do seu centro de cultura e capoeira. Possivelmente, pela insegurança que lhe assolava pelo pouco estudo, mas, sobretudo um gesto de confiança partilhado por todos seus alunos.

13.1 CAPOEIRA REGIONAL: UMA VISÃO DOS MESTRES, CONTRAMESTRES E PROFESSORES

Solicitamos aos mestres, contramestres e professores que respondessem uma questão que muito nos tem inquietado, pois, segundo estimativas, mais de 80% da capoeira ensinada na atualidade no mundo é a Capoeira Regional ou uma variação, como dizem alguns mestres uma “deturpação”. O questionamento: como os mestres e professores percebem a Capoeira Regional? Qual o olhar para esse estilo de capoeira?

Minhoca relata que para ele:

A capoeira regional é uma arte-luta, que pode ser abordada tanto no aspecto cultural quanto esportivo, possui exame de admissão, método de ensino, especialização, cintura desprezada, esquentar banho, formatura, 7 toques no berimbau, orquestra constituída por 1 berimbau e 2 pandeiros, quadras, corridos, jogo de iúna na formatura, chave de ouro, tira medalha, graduações (representadas através dos lenços), orador, paraninfo, madrinha, mais do que todos esses serviços técnicos ela é um excelente instrumento de cidadania (*sic*).

Pangolim diz ser a Capoeira Regional “um estilo revolucionário, que ajudou a capoeira a sair da clandestinidade e cumpriu bem seu papel histórico nas décadas passadas”. Dudu retrata a Capoeira Regional como um “estilo novo eficiente de ensinar capoeira”. Já, Burguês diz ser a Capoeira Regional uma renovação que evolui até os dias de hoje. Para Queijadinha d’Angola, a Capoeira Regional “aproxima-se do que denomino de uma visão *moderno-esportiva*”. Tosta, enfoca a Capoeira Regional como “uma luta de grande poder, que através dos seus métodos, faz com que o seu praticante desenvolva várias habilidades como: agilidade, força, destreza, coordenação, equilíbrio entre outros, aumentando a noção de tempo e espaço”. Lucas, por sua vez, destaca a Capoeira Regional como sendo “uma manifestação cultural de suma importância para a organização e desenvolvimento da capoeira no mundo”.

Daiola assim disse: “Para mim a Capoeira Regional é, além de cultura, um ótimo esporte, que trabalha não só a parte física do corpo, como também a criatividade e a percepção. Ela é completa desde o método de ensino até seus toques, cantos e sua “malandragem”. No entendimento de Boneco, a Capoeira Regional “é sem dúvida nenhuma uma capoeira mais dinâmica, objetiva, com mais recursos”. Acha ele que atualmente não se pratica mais a verdadeira Capoeira Regional, visto que ela vem sofrendo modificações a ponto até de ser intitulada “Capoeira Regional Contemporânea”. Carlos Amorim salienta esse estilo de capoeira distinguido-a pela característica marcante de “uma defesa pessoal bastante eficiente” e justifica dizendo que possui uma série de golpes que possibilita o seu praticante poder praticá-la de muitas maneiras sem perder a sua característica de luta. Pode, ainda, ser utilizada como ginástica, serve para ser exibida num contexto folclórico e representa sobretudo, a nossa cultura.

Para Cabloca, a Capoeira Regional “é uma recriação a partir da capoeira praticada em meados da década de 1920 para 1930, em Salvador, de movimentos de danças da cultura afro, de elementos oriundos de outras artes de defesa pessoal e do sistema educacional no Brasil.

Falcão igualmente fala do seu olhar: “A minha visão em relação à Capoeira Regional é a de que ela tem sido alvo de muitas tentativas de re-significações, embora alguns discípulos de mestre Bimba estejam empenhados em preservar suas principais contribuições”. Carson exprime seu sentimento e de certa maneira concorda com Cabloca e com falcão sobre as mutações que vem sofrendo a Capoeira Regional: “Acredito que a Capoeira Regional, tal como ela foi concebida pelo mestre Bimba, não exista mais, pois como ele próprio previu “ela vai se modificando com o tempo”. Porém, ela foi e é de vital importância para o

desenvolvimento de nossa arte, pois foi através dela que as autoridades da época reconheceram o valor da capoeira. A Capoeira Regional traz a beleza e a plasticidade da luta.

Falcão também fala acerca do processo de difusão da capoeira em escala mundial: “a Capoeira Regional vem incorporando novos elementos estéticos e menosprezando alguns que faziam parte de sua estrutura ritualística, como a conhecida “cintura desprezada”, por exemplo”. Hoje, o que se verifica é um acentuado uso de acrobacias cada vez mais complexas e o aumento na velocidade dos jogos.

Nas citações das duas amostras expressas anteriormente, encontramos divergência no que se diz respeito ao entendimento sobre a Capoeira Regional e essas discrepâncias são verdadeiramente significativas no sentido de compreendermos melhor o significado da Capoeira Regional para esses informantes.

Tabela 5 - análise comparativa entre os alunos de mestre Bimba e mestres, contramestres e professores de capoeira.

CAPOEIRA REGIONAL NA VISÃO DOS ALUNOS DE BIMBA	CAPOEIRA REGIONAL NA VISÃO DOS MESTRES, CONTRAMESTRES E PROFESSORES
✚ Um local de aprendizagem de capoeira;	✚ É uma arte-luta que pode ser abordada de várias maneiras;
✚ um local de aprendizagem para a vida;	✚ é um estilo revolucionário que ajudou a capoeira a sair da clandestinidade;
✚ um local de companheirismo;	✚ é um estilo novo e eficiente de ensinar capoeira;
✚ um local onde se tinha irmandade;	✚ é uma manifestação cultural de suma importância para o desenvolvimento e organização da capoeira no mundo;
✚ um local de cumplicidade onde se cultivava a amizade e a harmonia;	✚ é, além de cultura, um ótimo esporte;
✚ um centro que merece muitos estudos;	✚ é uma capoeira muito dinâmica, objetiva e composta de muitos recursos;
✚ um local onde se ensinava a defesa pessoal com o misto de dança folclórica;	✚ é uma defesa pessoal bastante eficiente;
✚ um local onde se ensinava a parte comportamental;	✚ é alvo de muitas re-significações;
✚ um local onde existia um nivelamento para todos os alunos;	✚ trás a beleza e a plasticidade da luta;
✚ a Capoeira Regional tem complexidade; e	✚ tem incorporada novos elementos estéticos; e
✚ um local onde se convivia com os diferentes e se enriquecia o espírito.	✚ mestre Bimba deixou excelentes representantes para continuar sua criação.

Não resta dúvida das diferenças, uma vez que os informantes alunos de mestre Bimba se exprimiram sobre o assunto movidos pela emoção sedimentada nas suas lembranças do tempo em que conviveram aprendendo a arte de capoeirar na academia de Mestre Bimba, há mais de 30 anos atrás. Eram outros tempos, outras concepções, outros momentos, outras exigências, outras formas de comunicação e de valoração da capoeira.

Percebemos, então, que eles, por terem vivido a roda da Capoeira Regional de Bimba estão certos da sua complexidade, dos ensinamentos manifestos naquele espaço único, do sentimento de irmandade e amizade realçados nos dias atuais nos muitos encontros de capoeiristas, nas mudanças comportamentais advindas do amadurecimento pessoal e do ganho indiscutível pela convivência diuturna com os diferentes.

Compreendemos, portanto, que os mestres, contramestres e professores, que intitulo aqui de “nova geração”, estão vivendo uma “nova era” da valorização da capoeira no mundo, especialmente quando eles se colocam certificando ser a Capoeira Regional uma manifestação cultural que também é esporte e dança folclórica. Ressaltando, ainda, o valor estético, a plasticidade da luta, o dinamismo das re-significações, um estilo revolucionário que ajudou a capoeira a sair da clandestinidade e a eficiência no ensinamento dessa arte, dança, luta e esporte.

A pedagogia da pancada, bem administrada pelo Mestre Bimba, era como já afirmei, uma reinterpretação marcial do jogo.

Muniz Sodré.

14 ASPECTOS PEDAGÓGICOS

Neste tópico nos ocuparemos de uma questão singular e ao mesmo tempo polêmica que trata especificamente sobre o “Projeto Pedagógico” de mestre Bimba para o ensino da Capoeira Regional. Nem de longe pretendemos esgotar o assunto, nem poderíamos, por ser uma matéria demasiadamente vasta, pouco estudada e que necessita de discussões bem acaloradas para um maior aprofundamento. Entretanto, cremos ser possível provocar estudiosos, tanto da área da capoeira como da Educação e da Educação Física, que baseados neste texto possam se debruçar em investigações mais consistentes.

A principal desconfiança que recai sobre a possibilidade de mestre Bimba ter criado uma pedagogia para o ensino da capoeira, centra-se na sua incipiente escolarização e por ser a capoeira uma manifestação popular regida em um espaço próprio fora da instituição formal de ensino.

Para Luckesi (2002, p. 33), “Uma pedagogia inclui mais elementos que os puros pressupostos filosóficos da educação, tais como os processos sócio-culturais, a concepção psicológica do educando, a forma de organização do processo educacional etc.”. É, portanto, imprescindível que esses elementos, à medida que estejam aglutinados e integrados a partir de um pressuposto, tenham um direcionamento filosófico.

Luckesi chama atenção afirmando que “a reflexão filosófica sobre a educação é que dá o tom à pedagogia, garantindo-lhe a compreensão dos valores que hoje direcionam a prática educacional e dos valores que deverão orientá-la para o futuro”. Conseqüentemente, não se pode ter uma proposta pedagógica sem uma conjectura lastreada nos fundamentos e proposições filosóficas.

Sabemos perfeitamente que mestre Bimba não detinha o conhecimento sobre os pressupostos da educação, todavia, acreditamos que tinha consciência do que almejava para a Capoeira Regional e sua maneira de ensinar estava fundamentada na sua história de vida, numa experiência prática. Possivelmente, os pressupostos existiam e estavam subjacentes, não sendo explicitados claramente.

Creemos que mestre Bimba imaginava os caminhos para a sua Capoeira Regional, refletia sobre a melhor maneira de ensinar, a forma de divulgá-la, a eficiência dos golpes, as possibilidades de defesas, as seqüências de ensino, as fases da aula, as etapas do curso a serem cumpridas, os toques do berimbau e a roda. Tinha ainda a preocupação com administração do CCFR, fundou um grupo de apresentações e partilhava suas inquietações com seus alunos.

14.1 ASPECTOS PEDAGÓGICOS NO ENTENDIMENTO DOS ALUNOS DE BIMBA

Como dissemos anteriormente, existem divergências de opiniões sobre esse assunto que têm gerado polêmica. Medicina diz não conceber que “mestre Bimba tenha pensado em um plano pedagógico para ensinar a Capoeira Regional”. Acreditando Medicina que tudo não passou de uma intuição singular abraçada de maneira inteligente por Bimba. Para Medicina, mestre Bimba não tinha um projeto pedagógico para a Capoeira Regional: “ele com sua vivência e experiência criou um roteiro para a iniciação dos seus alunos capoeiristas, como se fosse um culto para seu desenvolvimento pessoal”.

Gato Branco tem outra idéia sobre o tema: “eu acho que ele não só criou a pedagogia, mas também deixou arraigado em todos aqueles que praticaram a Capoeira Regional o sentimento de que valeu a pena ter praticado esse estilo de capoeira”.

Itapoan se refere à Bimba dizendo que a diferença dele para outros mestres de capoeira é que ele estudou a capoeira, criou um método de ensino, era um pesquisador, porque estava sempre experimentando algo inerente à sua práxis e pensava a frente do seu tempo.

Cafuné, de maneira firme fala: “com certeza absoluta Mestre Bimba criou uma pedagogia para o ensino da Capoeira Regional” e comenta:

Veja bem, quando nós chegávamos na academia, como no meu caso, por exemplo, que eu era muito tímido, eu com poucas semanas estava jogando capoeira e com seis ou sete meses estava sendo formado. Hoje com pedagogias diferentes, você leva três, quatro, cinco anos para formar um aluno. Não, que ele formasse um professor ou mestre, não era isso, mais ele formava um capoeirista, muito bom capoeirista com esse pouco tempo. Essa é a grande diferença da metodologia dele, para outras metodologias que estão tendo (*sic*).

Galo concorda com Cafuné quando diz que mestre Bimba criou uma pedagogia para o ensino da capoeira. “Ele fez, sem dúvida, o seu caminho, o seu histórico e fez o seu próprio modelo pedagógico”. Lembra, inclusive fazendo menção às suas observações, até de

filmes onde a capoeira está presente em que existe ali uma assinatura do ensinamento de Bimba, onde aparecem as nuances da pedagogia do mestre.

Para Decanio, mestre Bimba “não tinha um projeto para sua capoeira, pois gênio não projeta nada, gênio manifesta sua genialidade, [...] um projeto é coisa ambiciosa. E o projeto dele, se existia um projeto, era cada um de nós”. Lembra ainda que mestre Bimba centrava seu ensino de capoeira em cada aluno usando sempre a estratégia do jogo em duplas. Era costume o mestre chamar para o jogo na roda dois alunos, tendo uma preocupação de variar constantemente as duplas.

Dizia ele, hoje você vai jogar com fulano. Mas não escolhia parceiro, pois ele sabia que quando você combina o jogo a Capoeira engana, porque ele sabia que não era Helio que esta jogando era Xaréu, não era Ângelo era Decanio, que não era Boaventura era Boinha”. Portanto, a pedagogia de Bimba era individual e permanece individual até hoje, ele não acabou de nos construir, a morte dele, não nos separou dele, não nos desvinculou dele permanecemos alunos de Bimba (*sic*).

Decanio faz uma comparação entre os mestres de capoeira da atualidade que a todo custo tentam ensinar capoeira e assim se refere: “ninguém ensina capoeira a ninguém, os dois gênios disseram a mesma coisa Bimba e Pastinha.

Geni destaca a importância que mestre Bimba dava aos seus alunos, que gostava de valorizar a capacidade individual de cada aluno, observando as habilidades, o avanço no aprendizado e principalmente o nível de maturidade.

Diz ainda: “sob o meu ponto de vista ele tinha, sim, um projeto pedagógico, tanto que, além de ele ter criado tudo isso, um encadeamento de atividades, que na verdade formam uma seqüência pedagógica, ele teve a visão de sair para ensinar no Exército brasileiro”. Geni, na sua fala, salienta os métodos, as seqüências de ensino e os toques. Chama atenção de maneira veemente dizendo que Mestre Bimba sempre aceitou a evolução e a colaboração de alguns dos seus alunos, sem, contudo, fugir dos fundamentos da capoeira.

Como vimos no início desse tópico, as divergências sobre esse assunto são notórias. Medicina acredita ser apenas uma intuição e Decanio ressalta a genialidade de Bimba, enquanto os outros transitam pelos processos de construção da Capoeira Regional como um todo para confirmar suas idéias de que Mestre Bimba tinha, sim, um projeto para sua Capoeira Regional. Todavia, me parece ser um tema de interessante discussão e lembro ser inevitável destacar inicialmente os pressupostos filosóficos da educação e os processos sociais, culturais, psicológicos e organizacionais como elementos fundamentais para podermos avançar e acreditar que Mestre Bimba tinha claro um Projeto Pedagógico.

14.2 ASPECTOS PEDAGÓGICOS NO ENTENDIMENTO DOS MESTRES, CONTRAMESTRES E PROFESSORES DE CAPOEIRA

A nossa curiosidade vai de encontro com as nossas desconfianças sobre a percepção dos mestres, contramestres e professores de capoeira no que se diz respeito ao ensino e a pedagogia de mestre Bimba.

Cremos que esse desejo de investigar se justifica por estarmos inquirindo profissionais da capoeira que não conviveram com Bimba, pertencentes a uma nova geração de professores capoeiristas comprometidos com o ensino da capoeira e preocupados com a vertente da capoeira como ferramenta de educação.

Queremos então saber dos contrastes e semelhanças, se é que existem, entre as opiniões dos alunos de Bimba e daqueles outros capoeiristas dedicados ao ensino da capoeira em outras circunstâncias de vida e de universo.

Perguntamos: para você Mestre Bimba criou uma concepção nova de ensinar capoeira baseada em processos e técnicas mais eficientes para efetivar o seu Projeto de Capoeira? Explique.

Barbieri responde o questionamento levantando dúvidas:

Não sei se “novas”, pois não se tem, ainda, o relato detalhado de como os outros Mestres ensinavam. Não sei se “baseada em processos e técnicas mais eficientes”, pois é importante não esquecer que a manifestação da Capoeira que entrou para o Código Penal, não foi a denominada de Regional! E qual era o “Projeto de Capoeira” de Mestre Bimba?

Pangolim também se coloca com certas dúvidas:

Mais ou menos, pois não acredito que mestre Bimba tenha criado muita coisa da Regional, haja vista os termos e estruturas que não faziam parte de seu universo, contudo, a Regional representou sim uma revolução para a capoeira, pois foi um marco no desenvolvimento da arte para seu reconhecimento social (*sic*).

Cabocla entende não se tratar de algo novo, mas, sim, uma recriação de métodos e técnicas:

Na minha análise não é uma nova concepção de ensino de Capoeira e sim, uma recriação de técnicas e métodos oriundos desta, incorporando em predominância para a Capoeira Regional, um paradigma predominante do sistema europeu presente no modelo educacional brasileiro, cuja prática pedagógica vinha da lógica cartesiana. Exemplificando com um aspecto, a Capoeira Regional enquanto um fenômeno ou um conceito foi isolando da totalidade em que se originou, subtraiu a referência africana que é a matriz fundadora da Capoeira. Se o processo foi mais eficiente para o projeto de sua proposta não tenho certeza, pois, demandaria da investigação criteriosa da avaliação pelo Mestre Bimba após esta ter entrado em vigor e se expandido, o que é possível de levantar, pelas entrevistas que este deixou, seus depoimentos, o que relatou aos alunos e pessoas de sua confiança (*sic*).

Dudu responde de maneira afirmativa:

Sim. Porque acredito que Mestre Bimba atingiu todos os seus objetivos: pôs em prova seu estilo de capoeira desafiando todos os lutadores e ganhou todas as lutas. Formou uma grande quantidade de alunos em capoeira, e se vivo estivesse, estaria muito orgulhoso em ver a capoeira sendo ensinada em todo o mundo.

Burguês assim comenta:

Sim. Um mestre que cria uma metodologia, técnicas inovadoras, exames de especialização etc., e põe sua arte a prova com luta em ringue, que prova para a sociedade que a Capoeira é uma arte que pode ser praticada por todas as classes sociais. Realmente seu projeto foi eficiente de ter criado uma nova fórmula de ensinar capoeira que até hoje nós o seguimos como grande mestre da capoeira (*sic*).

Tosta também concorda com a afirmação anterior de Dudu e acrescenta que mestre Bimba “deu uma nova concepção à capoeira” e justifica pelo fato dele ter tirado a capoeira da rua e colocado-a em recinto fechado, criando assim técnicas eficientes e uma nova roupagem.

Lucas responde a questão com uma afirmativa: “Sim! Uma vez que, até então, não tinha sido criado um método para o ensino da mesma e tentativas anteriores foram frustradas”.

Carson parece estar de acordo sobre a não existência de métodos para o ensino da capoeira anteriores ao método concebido por Bimba e por esse motivo ele se coloca de maneira assertiva argumentando que os “alunos aprendiam capoeira na rua observando e jogando. O mestre propôs um aprendizado racional propondo uma rápida evolução na aquisição das técnicas”.

Daiola assim certifica: “Sim, creio ter sido mestre Bimba um homem observador e vendo as dificuldades em alguns alunos decidiu “escrever sua cartilha”, onde aplicou golpes de ataque e defesa, que na sua concepção eram fundamentais”. Ressalta a criação de uma seqüência organizada para tornar o aprendizado mais fácil e dinâmico.

Falcão assim responde:

Sim. Mestre Bimba chamava a atenção dos seus discípulos para a importância da boa preparação física do capoeirista. A capoeira é uma prática que exige muito em flexibilidade, resistência e força muscular, e Mestre Bimba recomendava que os exercícios básicos fossem realizados diariamente, visando a obter um bom desempenho. O próprio regulamento da academia do Mestre Bimba é um documento que evidenciava essa preocupação. Mesmo que a maioria dos capoeiras não ensina a Regional da mesma forma como mestre Bimba ensinava, há um consenso na comunidade capoeirana de que é fundamental conhecer e praticar as técnicas introduzidas por ele (*sic*).

Para Amorim:

O Mestre Bimba criou uma nova concepção sem sombra de dúvida, na verdade ele quebra um paradigma com seu método de ensino, retirando a capoeira de um estado de degradação e devolvendo seu verdadeiro caráter de luta, pois a mesma foi criada, inicialmente com o objetivo de combater e, com o passar do tempo de descaracterização, ele na verdade a conduz de volta ao seu caminho original. A inovação é a criação de um método que até então não existia, pois o aprendizado da capoeira não era sistematizado, ele passava de uma geração para outra através de métodos de tentativa e erro além da observação, o que denota empirismo, sendo assim, Mestre Bimba traz um pouco de ciência para o ensino da capoeira (*sic*).

Para Gladson:

A rotina de trabalho, voltada para o aprendizado e habilidade de qualquer modalidade são criadas e usadas por professores em geral. Porém, na Capoeira, o primeiro a criar uma rotina de trabalho para o aprendizado de nossa Arte foi Mestre Bimba. Foi muito feliz, criou uma seqüência pedagógica simples, facilitando a compreensão de ataque, defesas e contra-ataque com golpes comuns, que até hoje são os responsáveis pelo desenrolar de uma roda de Capoeira. A harmonia, o respeito, a melhora do condicionamento físico, a cooperação, a busca da noção de distância, etc., quando do treino através das seqüências e da cintura desprezada, do jogo entre formados com formados, alunos com formados e alunos com alunos, mostram o ganho da eficiência através do método simples, porém objetivo, principalmente para desencadear a noção do direito da liberdade, igualdade e fraternidade entre participantes. Assim sendo, acredito sim, que o Mestre Bimba criou e soube valorizar uma nova concepção de ensinar a Capoeira não só para a efetivação de seu projeto, mas, também para a gratificação do se eu interior, enquanto um mestre e doutor formado pela difícil universidade da vida (*sic*).

Entendemos que todo cidadão deve ter direito ao conhecimento e à oportunidade de apropriar-se dos resultados do processo histórico do conhecimento produzido ao longo do tempo pela humanidade. São os conhecimentos sobre o mundo físico, sobre o mundo biológico e sobre o mundo social. É notório que esses conhecimentos são obtidos pelo uso de uma determinada metodologia.

Luckesi (1994, p. 85) traz à baila a necessidade do educando de se apropriar também dessa metodologia, ou seja, que ele conheça e pratique os métodos inerentes à sua prática, cujos conhecimentos foram construídos ao longo das suas experiências. E ressalta: “não se aprende a utilizar alguma metodologia sem alguma exercitação”. A inventividade e criatividade são elementos essenciais nesse processo.

Nos depoimentos, tantos dos alunos de mestre Bimba como dos mestres, contramestres e professores de capoeira encontramos indícios de que os conhecimentos da Capoeira Regional passados por Bimba foram assimilados por seus alunos através de um trabalho sistematizado, valorizado pela aplicação de uma metodologia baseada na vivência prática do mestre, na inventividade e numa motivação especial.

Decanio (1996, p. 141), um dos alunos mais velhos de Bimba em atividade, falando sobre a pedagogia aplicada de mestre Bimba, assim relata de forma poética:

Bimba foi muito mais que um simples mestre de capoeira...
 ... foi um grande psicólogo ...
 ... um gênio capaz de enxertar no coração dum rapaz ...
 ... **a fascinação pela coragem** ...
 ... **ao lado da prudência** ...
 ... para se defender da malícia ...
 ... que o aguarda a cada encruzilhada da vida!
 ... suas histórias ...
 ... seus gestos marcantes ...
 ... nos trasladavam magicamente ...
 ... ao teatro da vida ...
 ... onde vivenciávamos suas experiências ...
 ... sem o custoso sofrimento da prática ...
 ... **em cada história um exemplo!**
 ... um perigo a ser contornado ...
 ... uma advertência ...
 ... um alerta ...
 ... um ensinamento ...
 ... **em cada dito uma lição a ser vivenciada!**
 ... anos a fio sem conseguir esgotar o seu repertório ...
 ... passava horas enfeitado ...
 ... acompanhando suas narrações ...
 ... sempre aprendendo ...
 ... sobre a natureza humana ...
 ... e situações de vida!

Esse tema nos parece ser fascinante e, como já dissemos no início desse texto, ainda é pouco explorado merecendo ser alvo de uma pesquisa mais profunda, com certeza. Cabe como um problema a ser destrinchado em dissertações de mestrado ou mesmo teses de doutorado, em que o rigor e o detalhamento poderão dar-lhe o tom científico que lhe cabe.

A capoeira, como parte da cultura brasileira que identifica e simboliza a nação, passa a tomar direcionamento diferente a partir do momento em que mestre Bimba a vê como uma manifestação significativa e de respeito, dando-lhe uma nova imagem, contribuindo para sua valorização.

Luiz Silva Santos (Camburão).

15. CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO EDUCACIONAL, CULTURAL, PROFISSIONAL E DE FILOSOFIA DE VIDA

Este tópico ocupa-se em verificar se houve uma efetiva contribuição dos ensinamentos de mestre Bimba na formação educacional, cultural, profissional e até mesmo na filosofia de vida dos seus alunos. Queremos entender de que maneira isso aconteceu, qual a verdadeira influência da Capoeira Regional, da relação dos alunos com Bimba e da convivência dos diferentes colegas no curso de Capoeira Regional.

São bastante controversas as informações sobre o perfil de mestre Bimba: uns afirmam ser ele um autoritário, disciplinador, embrutecido, uma pessoa sem instrução formal, que era rude, chegando a ser grosseiro no tratamento com seus alunos e outros tantos se referem ao mestre dizendo ser ele uma pessoa que usava da autoridade sem apresentar na sua conduta um autoritarismo, se relacionando de modo amigável, dedicando um relacionamento individualizado de acordo a personalidade de cada um dos seus alunos.

Cafuné assim explica o seu relacionamento com Bimba.

Eu sentia um carinho muito grande dele com relação a minha pessoa. Tanto que ele brincava muito comigo com relação ao meu apelido, não só nas aulas com os colegas que faziam brincadeiras com relação a isso, mas sempre brincadeiras de cunho carinhoso e isso era uma característica muito dele, gostava muito quando ele colocava a mão no meu ombro para falar alguma coisa, quando eu tava por perto e ele colocava a mão no meu ombro e fazia as palestras dele, e ele fazia isso com todos, não era só comigo. Quando havia shows e exibições dele, do grupo que eu participava ele contava a historia do meu apelido, ele contava que uma suposta noiva minha chegava lá e reclamava dele, Mestre porque o senhor colocou esse apelido nele e ele explicava que eu era muito tímido, que ele fez aquilo para mexer comigo, ai ele fazia sempre uma brincadeira que a mulher achava que era por outra coisa e tal, e era sempre essa relação de amizade, muito próxima de carinho mesmo (*sic*).

Cafuné, além disso, se reporta sobre a contribuição da Capoeira Regional na sua vida.

Principalmente pessoal, porque eu era uma pessoa que só olhava para o chão, eu tinha medo de olhar para frente, eu tinha uma dificuldade de me relacionar com as pessoas, para eu arranjar uma namorada eu tinha que levar dois, três amigos para a gente sair para eu procurar uma namorada, no emprego, meu primeiro trabalho meu irmão mais velho que me arranjou, eu nunca tinha saído e depois da Capoeira Regional eu levantei a cabeça e vi que tinha horizonte à frente, que eu podia dar um passo sem precisar de outras pessoas, acho que a coisa mais importante que a Capoeira Regional fez na minha cabeça eu acredito que tenha sido esta (*sic*).

Medicina assim comenta:

Na formação educacional me deu perseverança para o meu ser; na cultura me iniciou no aprendizado e a cultivar o que se refere à cultura baiana e brasileira; na profissional porque aprendi muito sobre medicina popular (que ele conhecia como poucos) e pude adaptar à medicina alopata que aprendi na Faculdade e com os meus clientes. Até hoje utilizo seus ensinamentos (apesar da globalização e do avanço acelerado da biotecnologia) sobre sua filosofia de vida, que foi uma coisa pessoal, intrínseca e mística. Aprendi a exercer responsabilidade social (muito em moda atualmente) desde que conheci o Mestre Bimba que já tinha esta prática no seu dia a dia, cito como por exemplo a convivência benemerente com os moradores da rua das Laranjeiras, no Pelourinho, com as prostitutas e seus filhos, entre outras (*sic*).

Gato Branco fala da autoconfiança:

Eu posso fazer assim uma analogia a respeito do que a Capoeira me proporcionou basicamente enfocando um aspecto, o aspecto da autoconfiança e de saber que a gente se quiser a gente pode, as coisas a gente consegue, porém como eu era um menino franzino apesar da boa estatura, bom porte para a prática da Capoeira Regional, mas eu não me achava capaz de chegar no estágio que eu cheguei naquela época aos três anos e meio a quatro anos de jogar Capoeira com a desenvoltura como eu joguei, isso me deu a autoconfiança que tem me acompanhado na minha vida laborativa inclusive nas funções que eu tenho e tive, porque na vida tudo é uma disputa, vem disputando funções e essas disputas a gente vai para o enfretamento sabendo que a gente pode conseguir as coisas. Eu fazendo uma analogia o que a Capoeira me ofereceu eu acho que o aspecto da autoconfiança foi muito importante e também na minha função gerencial que foi a função que norteou toda minha atividade laborativa, como gerente já se vão mais de vinte e cinco anos, eu tive a oportunidade de no banco enfrentar clientes desafortados, arrogantes que as vezes tentavam me intimidar, por não atender um crédito, não atender uma solicitação que no ponto de vista técnico não podia e as vezes o cara se sentia magoado, isso aconteceu algumas vezes, tá certo, apesar da gente engolir muito sapo, mas a gente tem de se impor, a gente se impunha e reagia a um desaforo, a gente reagia porque sabia que existia por traz toda uma confiança de que a coisa não podia ser daquela maneira, então basicamente a autoconfiança que a capoeira me deu ela vem me acompanhando ao longo da vida, no enfrentamento das questões (*sic*).

Sariguê conta do sentimento de carinho que Bimba demonstrava por ele:

Ah, isso inclusive, ele tinha um jeito carinhoso. O mestre, até o jeito dele ser carinhoso era diferente. Mas você sentia quando ele fazia alguma colocação, ele tinha costume de chegar, sempre que tinha um batizado, sempre que tinha uma apresentação lá, ele me chamava no centro e dizia: esse menino que chegou aqui, as costas dele só dava um palmo da minha mão, hoje em dia da dois palmos da minha mão, a mãe dele nunca trouxe uma latinha de leite para o mestre, e eu me sentia super envaidecido, porque o mestre tinha um jeito de mostrar para você, que ele gostava de você, sem ele dizer, eu gosto de você, são pequenos detalhes que fazem a diferença. No grupo dele, eu fui convidado porque, fazer parte do grupo do mestre era uma honra, eu acho que chegar ao máximo na academia do mestre era fazer parte do grupo dele, e além de eu fazer parte do grupo dele, meu jogo era a chave de ouro.

Sariguê enfoca que Bimba e a Capoeira Regional foram determinantes na sua formação como homem: “com certeza, eu costumo dizer que a capoeira, ela foi decisiva em toda a minha vida, não foi só na minha vida profissional não, em toda a minha vida como cidadão" (*sic*); frisa asseverando que “a capoeira que eu aprendi, que foi a capoeira do mestre

Bimba, que tinha tudo isso, tinha aquele conceito que é realmente uma arte marcial, então quando eu fui fazer as outras atividades, eu já vim preparado pelo mestre Bimba” (*sic*).

Itapoan fala da relação de mestre Bimba com seus alunos assegurando que ele gostava de conversar com seus alunos e que ele somente dava ordens quando estava ensinando.

Pois é, tinha alunos que ele conversava e se dava muito bem, contava piadas e falava da vida dele tudo em fatos. Ele só dava as ordens nas aulas, como todo ensinamento é assim, a gente também como professor, tem alunos que a gente trata melhor, quando a gente nota que um aluno é muito interessado a gente faz tudo por aquele aluno, agora o outro não muito interessado a gente faz o trivial. O Mestre Bimba era assim, se você era um aluno interessado, ele descobria que você estava interessado e começava a lhe dar coisas, e também falava muito por, tipo assim não por parábolas, mas quase isso ele dava toques, se você pegasse legal, se você não pegasse ele não ia te explicar de novo. Então ele era uma figura direta assim, mas tinha uma amizade muito grande com a gente, um carinho muito grande pelos alunos dele (*sic*).

Essa maneira de conversar com seus alunos, já apontada anteriormente por outros entrevistados e autores citados nessa tese, demonstra o carinho e a maneira peculiar de mestre Bimba passar seus ensinamentos, que tinha como a principal motivação o conteúdo da capoeira, contudo se estendia abarcando outros assuntos a exemplo da sua história de vida, dos movimentos capoeirístico da época, das lições por parábolas e da conversa bem humorada. Galo ressalta esse momento dizendo ser uma imagem sempre presente na sua mente: “ele botava os pés pra cima e ficava batendo papo com a gente, contando suas histórias ensinava a gente a refletir sobre os passos da capoeiragem sem a necessidade de usar as pernadas”.

Ao prefaciar o livro **A saga de mestre de Bimba**, de Mestre Itapoan assim me expresso:

César Itapoan foi um dos alunos mais brilhantes da Academia, e logo cedo despertou enorme interesse em conhecer algo mais sobre a Capoeira, muitas vezes presenciei, e até peguei carona das suas longas conversas com o mestre, onde o assunto palpitante versava, entre outros, da origem à atualidades da Capoeira e Capoeiristas (*sic*).

Muniz Sodré (2002, p. 72) também se refere ao assunto das lições dizendo que Bimba era um sábio e que “não duvidaria que, nele, às vezes 'baixasse' algo como uma entidade chamada São Salomão”. Lembra das extraordinárias lições afirmando que “o mestre admitia implicitamente que só se permanece na mudança, que os filhos crescem na morte simbólica dos pais, que a aprendizagem criativa comporta a possibilidade de ultrapassagem da maestria”.

Itapoan diz que a Capoeira Regional faz parte da sua vida, tomou conta do seu corpo por inteiro, que as lições de Bimba lhe ensinaram a entender porque “o vizinho enricou sem trabalhar” e porque “o senhor trabalhou tanto e nunca pode enricar” e compreendeu “a volta que o mundo dá” e se certifica a cada dia “que o mundo dá muitas voltas”, por isso se sente contemplado e agradece dizendo: “um dia você me ensinou que a ginga é a alma do capoeirista. Eu ainda tô gingando mestre, eu ainda tenho a ginga “Seo” Bimba. Mestre, obrigado, que bom que tive berço”.

Galo atesta que a sua passagem pela Capoeira Regional e a estreita convivência com mestre Bimba têm uma contribuição muito forte na sua formação e se refere a um trabalho que está em andamento, intitulado **Capoeiragem: a arte de gingar com vida**, o qual tenta traduzir o nível de influência da Capoeira Regional na sua vida e no seu cotidiano, inclusive a repercussão disso na sua vida profissional em uma área específica das ciências médicas, ou seja, da medicina veterinária. Conta que durante os seus estudos de doutorado em Medicina Veterinária na Alemanha, na cidade de Hannover, os ensinamentos da capoeira lhe ajudaram muito na convivência e resolução das adversidades próprias da adaptação climática e de uma nova cultura. Lembrava todo tempo de uma frase de mestre Bimba: "meu filho, recuar também é golpe". Hoje, essa frase é quase que um lema, a qual é repetida sempre em momentos oportunos para os filhos, funcionários, colegas, alunos e amigos. É um ensinamento que suscita uma reflexão nas ações do cotidiano, do pensar e agir.

Para Sacy, “o mestre impunha uma segurança, ele por se só, era o líder dentro da sala de aula. Com o mestre, nós aprendíamos a respeitar os mais velhos, os professores, os mestres, os seus pais. Ele dava a lição sem precisar dizer a você que era pra fazer aquilo”.

Disse ainda: “ninguém tinha intimidade para falar com o mestre batendo no seu ombro. O respeito sempre se fazia presente e o limite era considerado”. Revela que nenhum aluno tinha a ousadia de mexer no berimbau que ficava preso na parede. Sacy verdadeiramente se refere sobre o respeito que impunha Bimba pela sua postura e relacionamento com seus alunos.

Disse mais: “Mestre Bimba era uma pessoa introvertida, somente aparecia ser extrovertido durante os dias de festas, formatura e batizados. Parece que se transformava nos eventos, pois nas aulas tinha uma atitude fechada”. Comenta que "seu método era tão eficaz que pouco se dirigia aos alunos durante as aulas. Os alunos de Bimba já sabiam do que o mestre gostava e do que não gostava”.

Sacy certifica que o relacionamento de Bimba era sensorial; ele ditava as ordens por mensagens, por gestos e por olhar. “Os alunos eram 'obrigados' a observar o mestre, ele era um ser supremo ali na sua academia”.

Para Boinha, a convivência com mestre Bimba influenciou de maneira marcante a sua formação educacional:

Sim, eu garanto que se você entrevistar os milhares de alunos de Mestre Bimba, todos vão falar a mesma coisa. Lá a gente aprendia pela disciplina, porque em casa com o pai e mãe a gente relaxa, a gente não obedece. Quando o mestre olhava para você, pronto, era motivo de você se consertar logo. Essa influência na formação moral da pessoa era muito importante. Aprendi a esperar, o mestre dizia *a fruta só dá no tempo*, você aprendia a ser tolerante. Mestre Bimba me ensinou a viver pela disciplina, fazia a gente pensar. Ele chamava atenção, dava conselhos. Se você obedecia a ele, você obedecia a seu pai, sua família, aprendia ter mais amor pela família (*sic*).

Observando os depoimentos dos entrevistados, praticamente todos comentaram de suas experiências durante o estreito relacionamento com mestre Bimba e a real contribuição dos ensinamentos do mestre na formação pessoal. Como era de se esperar, cada um foi tocado de maneira diferente e fica impossível avaliar a intensidade com que esse toque despertou algo em cada sujeito. Com certeza, essa experiência modificou esses capoeiristas, pelos depoimentos para melhor, considerando os aspectos que eles relataram como a questão da disciplina, da tolerância, do carinho, da segurança, da autoconfiança, do despertar para a questão cultural e, sobretudo, do respeito.

15.1 A CONVIVÊNCIA ENTRE OS DIFERENTES NA ACADEMIA DE MESTRE BIMBA

Em alguns depoimentos expostos anteriormente, foi levantada a questão da arte do relacionamento, onde os informantes destacaram como sendo um aprendizado de singular valor para suas vidas, que foi adquirido na roda da Capoeira Regional, no seio da academia de Bimba. Perguntamos, então, como era a convivência dos diferentes no Centro de Cultura Física Regional? O questionamento se justifica não apenas pelas citações dos seus alunos, mas, sobremaneira, por sabermos de antemão que no CCFR freqüentavam indivíduos de estratos sociais diferenciados, níveis de instrução variados, questões culturais, variedade étnica, o forte e o fraco, o hábil e o inábil, o alto e o baixo, o corajoso e o medroso, o adulto e

o adolescente, o rico e pobre, o letrado e o iletrado e pessoas com opções religiosas e políticas bem matizadas.

Para Escurinho, a convivência dos diferentes era saudável, pois não existia diferenças dentro da academia: “não tinha segregações de negro, de branco, de rico ou de pobre; a diferença você tirava tecnicamente na roda e se a coisa pegasse, o mestre intervinha e separava sem tomar partido”.

Galo disse que “não tinha diferença, sinceramente não me lembro”, e que “se mestre Bimba tratava mal alguém não tinha diferença de cor, de raça e logicamente ele, como uma pessoa muito inteligente que foi, estabeleceu um nível dos seus alunos, como um nível de estudantes, o que é outro ensinamento dele” (*sic*). Ele não queria alunos que não tivessem futuro, exigia que fossem estudantes e o tratamento era nivelado. “O que realmente chamava atenção era que ele não aceitava o desrespeito, e eu vi mestre Bimba botar para fora da academia por, principalmente, uso e abuso de força em determinados golpes, ou pelo mau caráter de quem estava jogando”. E lembra de um fato pitoresco de “um aluno que estava jogando na roda e deixou cair o canivete, demonstrando fraqueza e desonestidade ao ir para a roda armado. Mestre Bimba colocou para fora o aluno e nunca mais eu o vi na academia”. Para Galo, esse fato evidencia uma outra importante lição de Bimba.

Já, Gato Branco comenta o assunto da seguinte maneira:

Bom! Uma das coisas que eu me lembro bem nas preleções do mestre, é que ele fazia questão de dizer que ali na academia não existia diferença de classe social, isso com o palavreado dele e a maneira dele colocar as coisas. Tá certo, que não existiam diferenças, que todos éramos iguais, tá certo, evidentemente você convivia com pessoas mais pobres de uma classe social mais baixa, mais ali dentro existia uma irmandade, uma coisa, ali. O diferente que você coloca, era diferente na cor, na classe social, no nível de escolaridade, mas lá dentro nos tornávamos iguais e a convivência era a melhor possível, a gente convivia, na hora da brincadeira a gente estava brincando, na hora da amargura, a gente era solidário, tá certo, acho que isso aí foi muito importante para a gente, porque a gente convivia com pessoas desiguais como você está dizendo, mas na hora da prática da Capoeira todos eram iguais perante a lei e a lei era a Capoeira (*sic*).

Para Medicina a convivência dos diferentes era:

Desconfiada para os que não eram da sua academia e para os diferentes (que entendo que sejam os que não compreendiam suas ordens e ensinamentos) era grosseiro e não pedia a ninguém quaisquer conselhos como agir com aqueles indivíduos. Tomava a atitude que achava acertada de imediato, podendo chegar a extremos; ex: expulsar o aluno (ou diferente) da sua academia (*sic*).

Cafuné trata da questão dizendo que “dentro da academia, no momento que a gente estava lá dentro, a gente não tinha muita diferença não, ali nós formávamos um mundo, a gente não sentia essas diferenças não (*sic*)”. No entanto, faz alusão ao relacionamento de mestre Bimba com alguns de seus alunos:

Ele tinha admiração por algumas pessoas como Decânio, por exemplo, que era uma pessoa que tinha uma participação muito grande na vida dele, que o ajudava muito e tinha outras pessoas que o ajudavam de certa maneira, essas pessoas tinham um pouco mais de aproximação com ele, e os mais antigos que tinham mais liberdades que nós os novos e nós fomos adquirindo isso aos poucos, então eu não via assim uma discriminação do pobre, do negro, do branco, não tinha essa coisa tão clara assim, o que existia era umas pessoas que ajudavam ele que tinham mais aproximação, tinham um pouco mais de liberdade com ele, mas ele tinha um carinho muito grande com aquele que chegava desde o primeiro momento quanto tinha também com o Decânio (*sic*).

Segundo Sariguê:

[...] o mestre ele tinha critérios, ou seja, o aluno tinha que estudar ou trabalhar, então muitas vezes o aluno trabalhava, mas não tinha uma condição social, nem econômica, nem cultural, mas com isso, ali dentro não havia diferença, não havia discriminação, porque atenção ele dava para todos, e quanto mais aquele aluno era interessado, claro, tinha mais acesso ao mestre, então não tinha discriminação de forma nenhuma, como muitas pessoas imaginam (*sic*).

Nenel diz que as diferenças não se consolidavam “devido à presença equilibrada de Bimba; por esse motivo e uma atitude firme e segura do mestre, as pessoas aprendiam a respeitar os limites de cada um”.

Para Itapoan (2005, p. 96), “a escola de mestre Bimba era uma grande irmandade, uma coisa muito bonita, onde o treinar para melhorar era o lema e ninguém queria ser, nem se achava, melhor que ninguém”. O principal objetivo era treinar e a consequência natural era ficar bom de capoeira, pois não existia a idéia de virar mestre de capoeira e sim ficar cada vez melhor, cada vez mais capoeirista.

Geni inicia dizendo que as pessoas que não conheceram Bimba afirmam ser ele uma indivíduo racista e ele discorda dessa afirmação, pois baseado em suas observações entende que o mestre deve ter sofrido muita discriminação por ser negro e semi-analfabeto. Diz que quando conheceu Bimba ele era muito bem aceito nos lugares aonde ia e também muito respeitado.

Na Academia de Mestre Bimba diziam que não tinha *preto*, tinha sim, eu conheci alguns e convivi de perto com eles. Também freqüentava a Academia pessoas de diversas classes sociais, lógico sendo que a maior parte era de estudantes de colégios e jovens universitários. Vale ressaltar, que Bimba vivia como mestre de Capoeira e por esse motivo foi o primeiro a organizar uma escola, o Centro de Cultura Física Regional. Posso dizer claramente que eu nunca senti nenhuma discriminação na Academia. Lá todo mundo vivia em igualdade independente do credo, opção política e condição social (*sic*).

Sacy assim se expressou: “Rapaz, na academia de mestre Bimba não tinha diferença, lá todos eram iguais. Éramos uma família, não havia segregação de classe social e religião. Lá não havia diferentes, todos eram iguais e viviam em uma democracia plena”.

Arara lembra da existência de grupos diferenciados durante os horários de treinamento. No horário da manhã, treinavam aqueles que trabalhavam. No horário da tarde era a vez dos estudantes e no horário da noite treinava o grupo de elite bem mesclado. “A academia de mestre Bimba tinha uma semente de elite, os estudantes universitários, isso a fez ser um diferencial entre outras academias de capoeira”. Lembra que Bimba tinha o cuidado de não aceitar crianças para treinamento de Capoeira Regional e a idade média girava entre 16 a 20 anos. Contudo, nas aulas sempre tinha a presença de alunos formados com idades bem avançadas. “Lá existia uma irmandade e se cultivava a amizade, ninguém podia mexer com os alunos de Bimba, era mexer em um enxame de abelhas”.

Boinha concorda com a existência de diferentes classes sociais, opções religiosas e políticas, no entanto ninguém era melhor que ninguém, era uma convivência irmanada e o amigo lá dentro da academia era amigo fora, na rua, sempre amigo.

Certo é que todos os alunos que foram batizados por mestre Bimba na Capoeira Regional deixaram de ser pessoas comuns, passaram a figurar entre os privilegiados em terem sido alunos de Bimba.

Mestre Bimba pregava na sua academia que todos eram irmãos, sentimento esse vivido na atualidade, vivido no hoje, quando dos encontros quer nas rodas de capoeira, quer em outros locais recreativos ou mesmo profissionais. A lembrança de ter sido aluno de Bimba funciona como uma senha abrindo portas e facilitando o relacionamento. Esse sentimento de irmandade impulsiona para uma boa comunicação e uma relação fraterna, a exemplo da vivida na escola de Bimba.

Observamos durante as entrevistas um brilho nos olhos e uma expressão de contentamento nos sujeitos da Capoeira Regional. Eles denotavam espontaneamente que a convivência dos diferentes fora de uma riqueza sem precedentes para as suas vidas, talvez pelo principal aprendizado de valorizar as pessoas, reconhecendo seus potenciais e limitações, mas, sobretudo, respeitando-os nas suas individualidades.

Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação.

Paulo Freire.

16 MESTRE BIMBA E SEUS ALUNOS: UMA PRÁTICA EDUCATIVA

Nesta parte da tese, trataremos do método utilizado por mestre Bimba para alcançar seus objetivos, ou melhor dizendo, que caminhos trilhava, quais as estratégias e técnicas empregadas e ainda analisaremos os procedimentos de conduta e relacionamento com seus alunos.

Já dissemos anteriormente que mestre Bimba criou a Capoeira Regional chamada também de “Luta Regional Baiana”, aproveitando-se dos seus conhecimentos da Capoeira Angola adquiridos nos ensinamentos com seu mestre, o africano Bentinho, e do Batuque, na convivência com seu pai Luiz Cândido Machado, batuqueiro famoso.

Pelo fato de recriar a capoeira e dar uma nova cara a essa arte-luta é que alguns autores o consideram como o *mago* da capoeiragem baiana, entendendo que mestre Bimba, ao gerar a Capoeira Regional, estabelece uma ruptura com a capoeira então praticada, destacando-se entre os demais capoeiristas da época, passando a exercer uma liderança, sendo enaltecido como ídolo popular, confirmando o respeito nas rodas de capoeira, nas desavenças com a polícia e maestria no ensino de sua arte.

Esse acontecimento marca um período histórico, sendo lembrado pelos estudiosos como um rito de passagem, que distingue definitivamente uma nova era para a capoeira. Por esse motivo, mestre Bimba se diferencia dos capoeiristas da época, tornando-se um líder, conquistando o poder e sendo reputado como um agente de mudanças, um autêntico herói afro-descendente e até mesmo considerado um *rei negro*. Através da sistematização da Capoeira Regional, mestre Bimba suscitou uma nova abordagem pedagógica da capoeira: montou academia⁷¹, estabeleceu aulas regulares, lições, livro didático, discos, cursos avançados, turmas de alunos com horários pré-estabelecidos e a metodologia do ensino através dos exercícios, golpes, seqüências, jogos diferenciados e grupo de apresentação.

Mestre Itapoan (1994, p. 61) ressalta que a diferença entre mestre Bimba e os outros capoeiristas da época está em Bimba ter criado um método de ensino e não aleatoriamente: pesquisou os golpes, as esquivas e as defesas e o seu método desafia os tempos resistindo até hoje a todos os modismos.

⁷¹ A academia de mestre Bimba foi registrada, em 1937, pela Secretaria de Educação, Saúde e Assistência Pública do Estado da Bahia, com o título Centro de Cultura Física Regional (CCFR).

Participei na qualidade de aluno de muitas conversas com mestre Bimba, verdadeiras aulas teóricas sobre a Capoeira Regional e lembro perfeitamente dele mostrando alguns golpes, defesas e saídas que foram pesquisadas por ele. Tinha sempre argumentos coerentes para suas explicações, justamente porque estavam fundamentadas nas suas experiências investigativas, em outras palavras, balizadas por terem sido postas em prática.

Abreu (1999, p. 26) diz que essa atitude pessoal de Bimba teve “conseqüências históricas de ordem coletiva: ao projetar-se socialmente projetou seu ofício”, deu uma nova conotação à arte de capoeirar, agora também na figura do mestre de capoeira, um professor com responsabilidade de passar seus conhecimentos para os alunos. E lembra que Bimba foi o primeiro a abrir um espaço para o ensino regular, uma academia, em 1932, no Engenho Velho de Brotas.

Depois das experiências de ensino da capoeira na Roça do Lobo, Bimba ministrou aulas em domicílios para alunos de classes abastadas e políticos, tendo posteriormente uma experiência no Clube União em Apuros.



Figura 6 - Quadro referente à conclusão do curso de Capoeira Regional.
Fonte - Mestre Bimba: a crônica da capoeiragem, de Jair Moura.

Na foto acima, mostramos um quadro focalizando a conclusão do curso de Capoeira Regional. Vemos Bimba, circundado pelo paraninfo Delfino e por Sisnando em homenagem especial.

O Clube de União em Apuros, em 1936, tinha como sede um imóvel situado na Rua do Bângala, nº 86. O proprietário era o Dr. Luiz Gonzaga Ferrer, um devotado amigo de Bimba, e genitor de Asclépios, distinto aluno do mestre.

Segundo Jair Moura, é “imprescindível elucidar que o referido clube foi criado com o objetivo de manter disfarçadamente o ensino da capoeiragem, numa época em que campeavam as medidas repressivas das autoridades policiais, que visavam aniquilar ou erradicar a propagação dessa luta”⁷².

No intuito de propagar o seu método de ensino, Bimba editou na década de 1960 um livro didático intitulado **Curso de capoeira regional de mestre Bimba**, no qual consta o regulamento da academia e o método de ensino dividido em 14 lições. A seqüência de ensino está contemplada em seis lições.

A primeira lição trata do gingado como a parte mais importante do aprendizado da capoeira; a segunda enfoca a meia-lua de frente, armada, queda de cocorinha, negativa e saída de aú,; a terceira focaliza os dois martelos, armada, benção e a saída de aú; a quarta lição (lição retrospectiva) sugere uma prática de jogo ao som do berimbau, utilizando os movimentos já aprendidos; a quinta lição diz respeito aos dois godemes, galopante, arpão de cabeça e joelhada; a sexta lição destaca a meia-lua de compasso e sua defesa na queda de cocorinha; a sétima lição ensina o golpe desequilibrante da vingativa e a saída de role; na oitava lição são apresentados os golpes desequilibrantes da banda de costa, banda trançada e mais um golpe traumatizante, o asfíxiante; na nona lição evidencia as rasteiras e suas principais variações; nas lições de número dez, onze e doze, Bimba ressalta o treinamento da cintura desprezada; na décima terceira, propõe o treinamento dos golpe ligado quebra-pescoço, do traumatizante bochecho e do de projeção, a cruz; e finaliza o seu método com a décima quarta lição, enfatizando a defesa contra as armas brancas. Apresenta também, uma sugestão de exercícios básicos e recomenda o treinamento completo, ou seja, o jogo de capoeira usando as músicas do seu disco que leva o mesmo nome.

Nesse compêndio, a premissa metodológica sugere que os treinamentos sempre aconteçam em duplas, pois dessa maneira o aprendizado torna-se bem mais eficiente, porque exige que ambos alunos pratiquem juntos todos os movimentos sugeridos no livro.

⁷² Informação oral de Jair Moura, em 11 de julho de 2005.

16.1 APRENDENDO A CAPOEIRA REGIONAL

Até 1972 só existia uma escola de Capoeira Regional - o CCFR - localizada no Maciel de Cima, próximo ao Terreiro de Jesus, no Centro Histórico de Salvador, um local de difícil acesso, visto que ali funcionava um dos principais meretrícios da cidade, num belo sítio histórico em decadência.

Essa não seria a principal dificuldade para se chegar até a academia de mestre Bimba. O preconceito contra as manifestações culturais e populares advindas dos negros escravizados era outro forte empecilho, sem falar nos receios explícitos sobre a violência na capoeira. Talvez por esses motivos aqui explicitados é que Bimba valorizava tanto quando alguém chegava sozinho para se matricular no CCFR. A rigor, os seus alunos na sua maioria eram levados por outros alunos mais antigos.

O futuro aluno ao chegar na academia era interpelado por mestre Bimba, que logo lhe fazia umas perguntas básicas, com a finalidade de conhecer melhor o candidato: Por que escolheu a Capoeira Regional? Onde estudava? Quem o levou? Qual sua idade? Quem é sua família? E até perguntava de maneira humorada se tinha tijubina.⁷³

Mestre Bimba disse que aplicava esse procedimento pois não queria que vadios, malandros e vagabundos frequentassem sua academia. Entendia ele que esses indivíduos eram perniciosos e causavam danos à imagem da capoeira.

Em seguida, o candidato era submetido ao exame de admissão, em que Bimba verificava as habilidades motoras do novo aluno submetendo-o aos exercícios básicos obrigatórios: cocorinha, queda de rins e deslocamento para traz (ponte). Esses exercícios tinham também como finalidade investigar os aspectos das valências físicas, a exemplo da flexibilidade, da força e do equilíbrio.

Itapoan (1994, p. 61) afirma que em outros tempos o exame era mais contundente, o mestre aplicava uma “gravata” no pescoço dos indivíduos e dizia “agüenta sem chiar”, se o aluno aquecesse estava matriculado, caso contrário ia aprender em outro lugar. O mestre contava isso rindo e fazendo chacota dele mesmo, afirmando que perdeu muitos alunos e dinheiro, porém justificava ser um procedimento de *macho*.

⁷³ Nome que mestre Bimba dava à mulher enamorada.

Os ex-alunos de mestre Bimba não gostam de serem chamados de ex-alunos, justamente porque se dizem permanentemente discípulos e que continuam aprendendo com os ensinamentos do mestre até os dias de hoje, colocando em prática no cotidiano as suas lições como uma filosofia de vida.

As dificuldades citadas anteriormente nos suscitaram a questionar os entrevistados com a finalidade de tentar entender melhor de que maneira as pessoas chegavam até o CCFR e que impressão tinham de mestre Bimba no primeiro contato com ele.

Cafuné assim contou suas impressões:

Foi muito forte, até porque a minha chegada lá na academia, teve também uma curiosidade, eu li uma reportagem dele no jornal falando da capoeira Regional, foi o que me despertou, falando sobre a luta regional baiana, da defesa pessoal que ele ensinava, foi o que despertou a vontade de ir até lá e conhecê-lo e, realmente fui, e fui apressado como é a minha maneira de ser às vezes, bati na porta e pedi para falar com Mestre Bimba e um aluno me atendeu, me levou até ele e perguntei, mestre posso assistir uma aula? Ele chamou o aluno que me havia levado até ele e disse, pegue ele e mostre na porta, feche a porta e mande ele lê o que tem escrito lá. Eu voltei até a porta e li, estava escrito: aula dois mil, mensalidade dois mil, visita dois mil, então o mesmo preço de uma mensalidade seria o mesmo preço de uma visita, então eu raciocinei, bom então, se eu vou ter que pagar, vou pagar logo uma mensalidade e ficar. Foi uma impressão muito forte, porque aquilo demonstrou uma personalidade e uma capacidade muito grande dele botar a gente com o pé no chão e mostrar o que é que você tá fazendo ali (*sic*).

Gato Branco se reportou ao primeiro encontro dizendo que já tinha um conhecimento da Capoeira Regional, pois seu irmão, Fernando (Cancão-de-fogo), era aluno formado de mestre Bimba e costumava levar até sua casa seus colegas contemporâneos da academia, entre eles Sacy e Acordeon.

Conta, ainda, que passou a querer freqüentar as aulas de capoeira, porém sofreu resistência de seu pai. Quando conseguiu se desvencilhar dessa imposição, foi à academia acompanhado por dois amigos da rua.

[...] fui lá na academia do mestre para me matricular, quando cheguei lá foi que eu vi aquele homem, forte, austero, ele me perguntou o que é que eu queria lá. A primeira impressão não foi muito boa, mas eu disse que queria aprender capoeira, ele perguntou já jogou capoeira angola? Fez alguma luta? E eu então respondi, não, não fiz nada eu estou aqui querendo começar do zero, aprender, e ele disse então tá certo, me de seu pescoço aí, pegou meu pescoço, me deu uma gravata apertou e quase me mata, então a experiência que eu tive com ele, foi a pior possível no início, mas, como eu consegui segurar a onda com aquela gravata e talvez tenha ficado o tempo que ele achou necessário, então ele me aprovou e dali em diante eu virei amigo do mestre. Acordava de manha cedo, e às vezes ficava até duas horas conversando com ele (*sic*).

Medicina relata que o seu primeiro encontro com mestre Bimba não foi dos melhores, pois sentiu uma “sensação de medo devido ao seu porte atlético, sisudo, de poucas palavras, exigia respeito sem grosseria, talvez devido ao local em que sua Academia funcionava”. Medicina cita ainda que "apesar da academia funcionar na Rua das Laranjeiras,

zona do baixo meretrício de Salvador e de freqüência constante de marginais, ele nunca viu as pessoas consumindo drogas, a não ser álcool e tabaco”.

Arara do seu primeiro contato com Bimba conta:

Quando eu decidi entrar na capoeira, eu já tinha optado por ela, apesar de ter visto mais Capoeira Angola do que a Capoeira Regional. Fui ver então a Capoeira Regional ensinada na Academia de Mestre Bimba entrei e me dirigi ao Mestre Bimba e quando me dirigi a ele, fiquei na dúvida se ele era realmente o Mestre Bimba, porque eu tinha uma idéia diferente de Mestre Bimba, então encontrei um senhor alto e forte, já de meia idade, pois eu imaginava Mestre Bimba com uma conformação física diferente. Mestre Bimba não era uma pessoa de estar com os dentes abertos para estranhos, me recebeu bem, mas sem nenhuma cortesia especial. Conversei um pouco com ele, fiz algumas perguntas sobre a idade das pessoas e horários e a partir daí, já saí decidido a voltar para me matricular na Capoeira Regional (*sic*).

Sacy comenta com emoção a sua entrada na academia de Bimba:

Coisa legal que aconteceu na minha vida. A gente ouvia falar de Mestre Bimba como se fosse uma lenda. Qual garoto de rua da época que não ouvia falar da capoeira de Mestre Bimba. De repente chegou um amigo meu chamado Chicão que treinava capoeira em Mestre Bimba e me disse que estava treinando com Bimba, para mim foi uma grande surpresa. Disse então para ele, rapaz me leve lá. Com menos de uma semana já estava eu lá. Quando entrei me senti como se tivesse entrando, é até difícil de explicar, entrar na Academia de Bimba era como se tivesse entrando na Academia de Agulhas Negra, na Escola de Cadetes em Barbacena ou Campos dos Afonso para ser um militar. Para mim era como tivesse indo ao encontro dos verdadeiros Deuses, uns verdadeiros ídolos. Quanto à figura do mestre a gente nem tem palavra para descrever. Eu olhava para aqueles capoeiristas como Camisa Roxa, Cabeludo e pensava quando chegaria ser um deles. É difícil explicar certas coisas, certos acontecimentos e somente aqueles que passaram pela Academia de Mestre Bimba são capazes de ter alguma explicação plausível (*sic*).

Itapoan menciona que foi levado à academia por um primo. Assistiu à aula do canto da sala, todavia com a atenção para Bimba tocando berimbau, dando as suas ordens, comandando aquele ritual todo e então ficou deveras impressionado com aquilo tudo que via e com o dinheiro do judô se matriculou na capoeira. “Quer dizer a primeira impressão que eu tive foi muito forte dele, tanto que eu continuei até ele ir embora e morrer em Goiás” e ressalta que "quando Bimba gostava de você ele conversava legal, mas ele era muito fechado com as pessoas estranhas, era uma pessoa direta nas respostas, não tinha meias palavras".

Sariguê disse que recebeu dinheiro de sua mãe para se matricular no Karatê na Academia de Caribe e como não sabia andar direito na cidade, pela pouca idade que tinha, acabou visitando as academias de capoeira de Pastinha e Caiçara. Somente depois um amigo seu o encaminhou para a academia de mestre Bimba. Chegando lá, mostrou ao mestre um “bolinho” de dinheiro dizendo que queria se matricular naquela capoeira. Disse ainda que o mestre ficou eufórico e comentou se todos os alunos viessem à academia com tanto dinheiro

assim ele estaria rico. Sariguê afirmou que o dinheiro que usou na matrícula serviu para pagar várias mensalidades.

Boinha falou que seu interesse em aprender a Capoeira Regional tinha como principal motivação se preparar para defender-se das brigas de rua. Comentou que conhecia mestre Bimba de nome, já tinha ouvido falar muito dele pelos jornais e pessoas.

Passou a querer ir até a academia para ver como era a coisa e se possível se matricular. Porém, expõe que para chegar até a academia não era tão simples assim, precisava de alguém para levá-lo e apresentá-lo ao mestre Bimba. Afirma ainda que as pessoas poderiam chegar diretamente à Bimba, contudo passavam por um “interrogatório”, em que Bimba perguntava: “Quem é você? Qual sua família? Você vem de onde? Você estuda onde? Ele tinha um cuidado de saber quem eram as pessoas. Era cuidadoso e eu não sei onde ele aprendeu aquilo”. Ressalta que nos dias de hoje não percebe essa mesma preocupação com os atuais mestres de capoeira.

Ao entrar na academia ficou surpreso porque se deparou com um homem alto, forte e com voz grossa. Essa primeira impressão lhe foi acrescentada de emoção, quando mestre Bimba, lhe pegou pela mão para ensinar a gingar: “Quando o mestre pegou minha mão me passou uma energia diferente, algo que tomou conta de meu corpo de cima, da cabeça até os pés, que você nunca vi em outro lugar.”

Geni começou o seu aprendizado pela Capoeira Angola e o seu mestre foi Canjiquinha, o qual lhe estimulou a experimentar a Capoeira de Rua. Inquieto resolveu ir “assistir a Capoeira Regional de Bimba na academia dele” e para isso pagou ingresso. “Esse primeiro contato não foi muito bom, justamente porque eu treinava na academia do Mestre Canjiquinha”. Disse então, que “Canjiquinha era uma pessoa bastante aberta, brincalhão, gozador e todo mundo dizia que ele era a “alegria da capoeira”.

Chegando na academia de Bimba encontrou uma pessoa sisuda, fechada que o cumprimentou com um simples “boa tarde!”, indicando-lhe o banco para ele sentar. Geni sentiu um certo desconforto, ficando como ele disse, “meio cabreiro”. Assistiu um pouco da aula e foi embora.

Nestes depoimentos, observamos que existia de fato uma certa dificuldade para fazer parte do CCFR, quer seja pela localização, quer seja pelos preconceitos com a capoeira da época e até mesmo pelo misticismo que envolvia a figura de Bimba, como um profissional da capoeiragem baiana, um mestre de capoeira.

Para entendermos melhor essa situação, temos que lembrar das exigências que mestre Bimba fazia para aqueles candidatos a seus discípulos. A primeira a pontuarmos era que Bimba só aceitava na sua escola pessoas que fossem estudantes e/ou trabalhadores, chegando mesmo a solicitar a Carteira de Trabalho. A segunda exigência era a cobrança de matrícula e mensalidades, o que já definitivamente selecionava os seus alunos, oportunizando apenas aqueles de poder aquisitivo maior, normalmente pessoas da classe média e alta da sociedade baiana. A terceira eram os exames de acesso à academia, nada convencionais.

O preconceito com a prática da capoeira na época e a figura emblemática de Bimba, inclusive por ser negro, resultava numa certa apreensão dos jovens, futuros alunos e seus familiares, sobre os relacionamentos e conteúdos educativos a serem conquistados.

Talvez esses motivos aqui explicitados sejam os principais geradores de tensão quando da chegada à escola de Bimba. Chegar a um lugar desconhecido passando por uma rua mal cheirosa, sob os olhares das prostitutas sentadas debochadamente em frente as suas casas em ruínas, feias e caindo aos pedaços já era um “trauma de chegada”.

A academia de mestre Bimba gozava de bom conceito na sociedade baiana, era falada pelos seus alunos, pela qualidade da capoeira ali jogada, das façanhas do mestre e dos seus alunos. Quando postos à prova, davam bem conta do recado.

Chegar ao CCFR acompanhado de um aluno mais antigo parece que trazia conforto, maior segurança, tranquilidade, maior confiança e era também uma referência importante para um bom início de curso.

Existem indicativos de que essas primeiras dificuldades eram compensadas pela boa impressão que tinham do mestre Bimba, mas nem sempre sendo recebidos com cortesia especial e bem humorada, mas, sobretudo, pela admiração de conhecer um homem austero, forte, decido, claro nas suas exposições e que inspirava confiança.

16.2 ENSINADO A GINGAR

O próximo passo era o ensino da ginga e para isso o mestre convidava o aluno novato ao centro da roda, frente a frente, pegava-o pelas mãos e ensinava primeiramente os movimentos das pernas e a colocação exata dos pés, para em seguida realizar o movimento

em coordenação com os braços, agora soltos, fixando a “guarda alta”.⁷⁴ Esse momento era importantíssimo para o calouro, pois lhe proporcionava a aproximação e o toque do mestre, o que lhe transmitia segurança.

Sobre essa fase do aprendizado, Decanio (1996, p. 167) assim se refere:

...após a aprovação do Mestre e...
 ...num verdadeiro “exame de admissão”...
 ...verificação das juntas...do equilíbrio...
 ...deslocamento para trás ...etc...
 ...o neófito era aceito sob o grau de CALOURO...
 ...e descansava no “banco”!
 ...na próxima sessão recebia a aula inicial...
 ...o Mestre pegava pelas duas mãos do calouro...
 ...puxava a dança do gingado...
 ...em seguida abandonava as mãos do aluno...
 ...demonstrava a “guarda alta”...
 ...levando a mão até a frente... sem cobrir os olhos!
 ...enquanto a outra descia para trás...
 ...em proteção ao flanco...
 ...mantendo o equilíbrio...

Cafuné retrata a primeira aula dizendo que teve medo pela falta de confiança nele próprio, quiçá não fosse capaz de fazer os movimentos da capoeira. Então, “mestre Bimba me convidou para ir ao meio da sala e ali ele pegou na minha mão solicitando que fizesse o que ele fazia com todo mundo: queda de rim, para um lado e para o outro, cocorinha e depois a ginga”. Salienta que a particularidade do mestre em pegar na sua mão, lhe passou uma energia muito grande naquele momento, lhe transmitindo confiança instantânea.

Escurinho descrevendo a sua primeira aula na academia disse que freqüentava a turma das seis horas da manhã, na qual participavam poucos alunos, aproximadamente oito, e um aluno mais antigo de nome Borba ensinou a ele os movimentos básicos da capoeira, os movimentos da seqüência. Por praticar outros esportes teve facilidade em aprender rapidamente os movimentos. Sobre seu exame de admissão, ressaltou afirmando:

[...] o primeiro movimento que você fazia era a cocorinha, depois fez a queda de rim para direita e esquerda, também de frente tocando os calcanhares atrás, depois tinha que fazer o aú, para esquerda e direita e finalizava com o deslocamento para trás com a ajuda de Mestre Bimba, que apóia a mão nas costas (*sic*).

Medicina também comentou sobre sua primeira aula dizendo que foi “introspectiva e com receio”. Aquele “ambiente da academia, a presença do Sr. Manoel dos Reis Machado, da sua mulher Dona Alice, de alguns alunos já graduados e outros treinando, outros tocando berimbau, me davam a sensação de prazer interior e ao mesmo tempo me perguntava: como fui parar naquele espaço?”.

⁷⁴ Movimento de defesa na posição em pé, elevando a mão com a palma voltada para baixo até a altura da testa sem cobrir os olhos, enquanto a outra mão permanece ao lado do corpo em proteção ao flanco.

Itapoan salienta que na primeira aula “Mestre Bimba com aquele hábito de segurar nas mãos do seu aluno, ele selava ali, uma parceria com você, que eu acho que não existe mais, essa parceria nos dias de hoje. Aquela arte de segurar a mão da gente ali, rapaz, filosoficamente até os caras falam assim, aquilo ali é pra te mostrar a volta que o mundo dá” (*sic*).

Galo falando dos orientadores que norteiam sua vida cita quatro personalidades: a primeira, seu pai, Manoel de Oliveira Figueiredo; a segunda, Prof. Edaumo Souza Couto, professor orientador do mestrado na Universidade de Minas Gerais; a terceira, Prof. Mathews Stober, orientador do curso de doutorado na Alemanha; e a quarta, Manoel dos Reis Machado. Galo faz questão de frisar que todos eles têm sua importância singular, não necessariamente nessa ordem.

Sobre mestre Bimba ele chama a atenção que:

[...] não só ele pega na nossa mão, nos auxiliando nos primeiros passos, mas não só os passos físicos, ele dá também a orientação dos passos, eu diria até do equilíbrio emocional, transporta naquele momento uma energia muito forte, que transmuta a Capoeira auxiliando na vida e até o nosso sucesso como pessoa. [...] Na primeira aula ele realmente..., o primeiro dia é impressionante, quando o mestre em uma roda pega na sua mão, de frente pra você, lhe olha fundo nos olhos que vai até o pé, depois sobe para a cabeça, que lhe dá aquela emoção da responsabilidade diante daquele homenzarrão e ele ali desce ao nível do discípulo, fazendo-o compreender toda aquela energia, talvez ele, naquele momento não estivesse nem sabendo da sua força espiritual, do que estava transmitido aos seus alunos. Esse para mim foi o primeiro impacto, ele mostra os passos, ele começa a gingar na sua naquele momento (*sic*).

Almeida (1994, p. 14) cita que Acordeon - aluno conceituado de Bimba do final da década de 1950 - comenta o ato de ensinar do mestre, afirmando: “[...] ele era forte na alma, tinha uma faca no olhar que cortava a gente de cima a baixo quando estava a ensinar”. Essa asserção de Acordeon vem confirmar o momento mágico da primeira aula, do primeiro encontro com o mestre, o qual Galo explica que esse ato de Mestre Bimba de pegar nas mãos do seu aluno não finda ali como algo instantâneo e rotineiro, mas se perpetua para a vida inteira, o que ele chama de “a arte de gingar com a vida”, tomando novos significados ao passar dos anos.

Não encontramos uma referência absoluta de que todos os alunos que entrassem na Academia de mestre Bimba teriam a obrigatoriedade de passar pelos exames de admissão e pelo ensinamento da ginga com o apoio do mestre.

Geni conta que antes de entrar no CCFR já praticava Capoeira Angola e teve também uma experiência marcante na capoeira de rua. Idealizou praticar a Capoeira Regional, entretanto foi informado por um dos alunos de Bimba, Eziquiel, que o mestre não aceitava alunos que tinham praticado com outros mestres.

Decidiu então procurou Tarzan, um aluno de Bimba, para o encaminhar até a academia. Tarzan sugeriu dar-lhe umas aulas, ensinar-lhe a seqüência e a cintura desprezada. Depois lhe apresentou ao mestre Bimba dizendo ser seu aluno. Geni, disse que foi muito bem recebido por Bimba, que brincou com ele e perguntou se ele tinha coragem mesmo de aprender a Capoeira Regional. Geni afirmou que Mestre Bimba, por ele já ter sido iniciado na capoeira, pulou etapas do aprendizado. Teve, assim, contato com Bimba, mas não teve o privilégio de pegar nas suas mãos para aprender a gingar, justamente por ser ele um aluno de Tarzan. Como sua evolução foi rápida devido à sua experiência com outras formas de lutas, teve a felicidade de ser batizado em pouco tempo por mim (Xaréu).

Bimba desenvolveu um método próprio para ensinar o aluno a gingar. O gingado é um movimento de jogo de corpo, num vaivém em círculos, com transferência constante de peso, ora na perna da frente e ora na perna de traz. Os braços tendem a acompanhar o balanço do corpo, com a função de guarnecer o tronco, se posicionando no plano frontal ligeiramente acima da linha dos olhos protegendo também o rosto.

A seqüência pedagógica desenvolvida por Bimba era bem simples e contava de três etapas: na primeira o mestre desenhava um quadrado de 40 cm, na segunda solicitava que colocasse os pés nos pontos A e B, segurava-o pelas mãos e solicitava que o aluno movimentasse os pés em diagonal até os pontos C e D.

Continuava segurando as mãos do aluno até sentir que o movimento ganhava qualidade de coordenação, ficava cada vez mais seguro, mais desenvolvido, mais relaxado, então o mestre soltava as mãos e mostrava o posicionamento dos braços, até o ponto de deixar o discípulo gingando sozinho. Sempre chamava a atenção da coordenação perfeita, braço direito, perna esquerda e, braço esquerdo, perna direita e, fazia uma analogia com o movimento de andar. Aproveitava a oportunidade para contar uma anedota dizendo que nunca viu ninguém andar na coordenação desengonçada de braço direito, perna direita e braço esquerdo, perna esquerda. Fazia uma rápida imitação e todos presentes riam a valer.

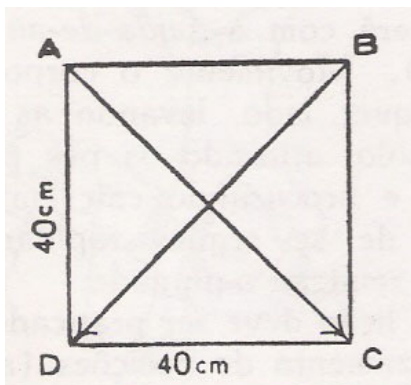


Figura 7 - Quadrado para ensinar a gingar.

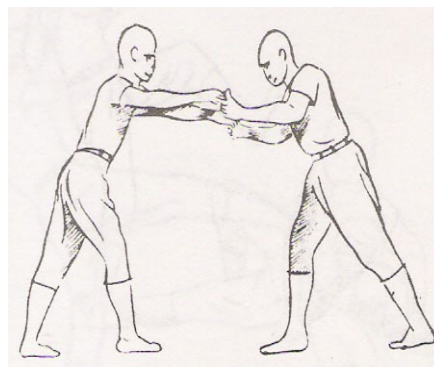


Figura 8 - O mestre segurando o aluno: primeiros passos.

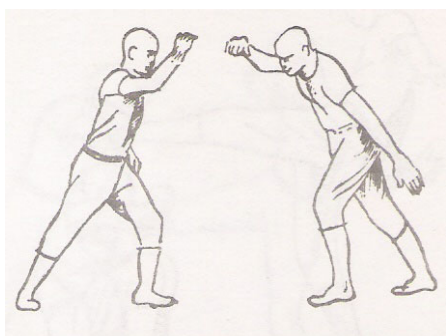


Figura 9 - O mestre solta o aluno para gingar sozinho.

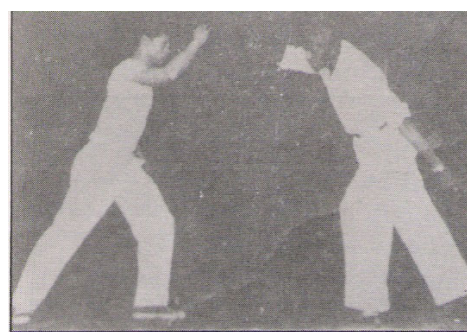


Figura 10 - Mestre Bimba e seu aluno Fabrício

Fontes: Mestre Itapoan e livreto do Curso de Capoeira Regional Mestre Bimba.

16.3 ENSINANDO A SEQÜÊNCIA

Na aula seguinte o mestre convidava um aluno formado para ensinar a seqüência, que é composta de oito partes, referenciada por uma imbricação lógica de movimentos de ataque, defesa e contra-ataque. Moura (1968, p. 5) diz ser a seqüência um conjunto de lições práticas e eficientes, baseada em golpes e contra-golpes, possibilitando ao aluno aprender capoeira no menor espaço de tempo possível.

Itapoan (1994, p. 83) salienta que:

[...] essa seqüência era destinada aos alunos iniciantes, é um método para calouros e não para alunos formados, tarimbados. O objetivo era criar uma consciência no aluno, da necessidade de sempre que atacado, aplicar uma defesa e um contra-ataque criando assim uma situação de jogo e se condicionando para tal (*sic*).

Na nossa experiência esse método funciona como um jogo de ensino-aprendizagem onde os iniciantes aprendem jogando, pois a realização contempla a participação de dois alunos simulando um jogo de capoeira, como se estivessem dentro de uma roda. Nessa prática

considerada por Mestre Itapoan como o maior “Katá”⁷⁵ do mundo, cada aprendiz executa 154 movimentos e a dupla 308.

Decanio (1996, p. 168) considera a seqüência de ensino uma obra prima, uma invenção de concepção genial e fundamental para o ensino da Capoeira Regional. É um conjunto de golpes indispensável de ensino, sendo praticada sem o som do berimbau e é formada de movimentos básicos do jogo da Regional. Tem vantagem de proporcionar um aprendizado rápido, eficiente e serve para divulgar e proporcionar uma boa formação capoeirística.

Na metodologia não cabia mestre Bimba fazer a seqüência com todos seus alunos e em todos os horários, especialmente na dedada de 1960 (período que estudei capoeira com ele), quando a idade avançada não permitia tamanho esforço.

Outro motivo que reputo como verdadeiramente importante era o de oportunizar uma relação de aproximação entre o aluno novato e o aluno mais antigo, geralmente um aluno graduado na academia, um aluno formado.

Medicina abordando o seu início no estudo da capoeira com Bimba, se reporta dizendo que Bimba convidou “um aluno já formado para lhe ensinar os principais golpes da arte de ser capoeirista até o final da aula”. Aqui nessa citação de Medicina cabe um registro, um esclarecimento, sobre esse ato. Mestre Bimba dava liberdade para os dois alunos aproveitarem o tempo da aula no sentido de praticarem a seqüência, assim se por qualquer motivo o calouro não se adaptasse ao companheiro, o que era raro, poderia trocar por outro colega da aula.

Cafuné reportando-se sobre suas primeiras aulas relembra da apreensão que lhe tomou conta no momento que Bimba lhe solicitou que repetisse os golpes, mas com o passar do tempo foi ganhando segurança principalmente quando realizou os movimento frente a uma cadeira. Com esse recurso didático da cadeira usado por Bimba, Cafuné disse que ficou com “menos medo, porque o que estava ali era uma cadeira e não um adversário, até que um dia eu comecei a fazer a seqüência já com um colega, eu já estava com um pouco mais de confiança, mas ainda, muito tímido, muito medroso também”.

A utilização da cadeira aparece na fala de Cafuné como um fato novo, um artifício didático, que o mestre usava antes de ensinar a seqüência diretamente. Podemos considerar uma etapa deveras importante, pois possibilitava ao aluno iniciante experimentar alguns golpes básicos integrantes da seqüência. O exercício consistia no aluno ficar de frente para

⁷⁵ Seqüência de golpes encadeados do caratê que servem de treinamento e apresentação pública.

uma cadeira comum de madeira com encosto alto, gingar como se ali tivesse um outro capoeirista e então era solicitado que desferisse os golpes: duas meias-luas de frente, armada, duas queixadas, meia-lua de compasso, entre outros golpes. A utilização da cadeira tinha vida útil, pois com o tempo o aluno cada vez mais desenvolvido acabava se exercitando de maneira mais completa, ou seja, jogando capoeira com a cadeira quando da ausência de outro capoeirista. Essa estratégia didática está marcada na lembrança de todos os alunos de Bimba.

16.4 AS AULAS

A aula propriamente dita consistia de uma metodologia simples, porém bastante eficaz pelo motivo de deixar os alunos sempre em prontidão, sedentos por uma oportunidade de jogar capoeira, de entrar na roda, no desejo de mostrar para o mestre e demais companheiros e a si próprios seus avanços no aprendizado e sua potencialidade.

Primeiramente o mestre reunia todos os alunos daquele horário em volta da roda e solicitava aos mais antigos, aqueles com mais experiência, preferencialmente os alunos formados, para que dois a dois realizassem a seqüência da cintura desprezada, uma combinação de golpes ligados e de projeção que têm como finalidade treinar o capoeirista para se defender de uma situação de enfrentamento onde tivesse pouco espaço. Por esse motivo a exigência do treino todos os dias e a indicação veemente para que o capoeirista sempre caísse em pé ou agachado, jamais sentado.

Caso acontecesse de cair sentado ou bater as nádegas no chão era motivo para algum comentário e o mestre muitas vezes autorizava a repetição do golpe, normalmente melhorado na segunda tentativa pela atenção, concentração e esforço; cabia então ao mestre fazer algum tipo de elogio. Esses elogios sempre aconteciam em poucas palavras ou simplesmente dizia: *Bonitooo!!!*

Essa comunicação pontual feita ao aluno tinha uma conotação importantíssima, pelo fato de ser uma advertência *in loco*, visualizada, sentida e entendida pelo aluno instantaneamente e vale ressaltar que a chamada acontecia na maioria das vezes nos momentos de acertos, funcionando como um reforço positivo.

Depois era a vez da seqüência de ensino e o mestre mantinha a mesma dinâmica da chamada em duplas e comumente escolhia os dois alunos de acordo com o tipo físico, a experiência, volume de jogo, velocidade dos movimentos, habilidade motora e a "mãinha" de jogar.

O passo seguinte era o jogo propriamente dito, o chamado para a roda, no qual a estratégia anterior das duplas prevalecia e as indicações eram também uma constante. Na hora do jogo, a atenção para com o toque do berimbau e jogar no ritmo era uma exigência do mestre. Dizia ele: "O berimbau dita o ritmo a ser jogado, preste atenção ao toque!". O toque do São Bento Grande orientava para um jogo mais agressivo, pesado, rápido, contundente, objetivo e com golpes mais definidos, o que poderíamos chamar de um "jogo duro".

A outra possibilidade era o toque de Banguela, incitando um jogo malicioso, baixo, rasteiro, curtido e floreado. Para Decanio (1996, p. 174), a Banguela ou Banguelinha suscitava um jogo de dentro, corpo a corpo, colado, quase sem espaço entre os jogadores e servia de treinamento para defesa de arma branca.

Mestre Itapoan (1994, p. 79) retrata com propriedade o método de ensino:

O Mestre Bimba possuía um método de ensino simples e eficiente. Todos os dias os alunos (calouros e formados) chegavam à Academia e faziam a "Cintura Desprezada", uma seqüência de golpes, contra-golpes e defesas. Em seguida o Mestre pegava seu Berimbau e tocava "São Bento Grande" para todos. Pedia sempre para os Formados "puxarem" os calouros mais velhos. Jogavam alunos com alunos, Formados com Formados e depois alunos com Formados. O Mestre tinha o cuidado de não repetir as duplas todos os dias para não se "**acostumarem**". Na seqüência tocava "Iuna", jogo exclusivo dos Formados. Depois da "Iuna" não se jogava mais ao som do Berimbau (*sic*).

Durante as aulas podemos destacar uma curiosidade didática utilizada por Bimba. Os alunos não poderiam jogar quantas vezes quisessem, o estipulado era jogar apenas uma vez na Cintura Desprezada, Seqüência de Ensino, Jogo na Roda e Iúna. Apenas no Esquentabanho estava liberado o número de participação, era totalmente livre, era o espaço ímpar do aluno.

Falamos anteriormente que a estratégia consistia nas atividades preferencialmente em duplas. Quando naquela aula tinha número par de participantes tudo corria normalmente. Porém, poderia acontecer de contar também com o número ímpar de alunos, aí ocorria uma disputa entre os alunos participantes para quem faria a dobra⁷⁶. Participar mais uma vez era realmente gratificante, uma oportunidade de se aprender mais, de experimentar mais. Esse

⁷⁶ Termo usado na academia de mestre Bimba para aquele aluno que realizaria mais uma vez a Cintura Desprezada, Seqüência de Ensino, Jogo e Iuna.

processo didático me parecer ser muito rico para o aprendizado da capoeira, pela simples razão de manter os alunos atentos às oportunidades, podendo aguçar o gosto de experimentar.

A seguir vinha o jogo de Iúna, um privilégio dos formados, um chamado para que todos os alunos formados participantes da aula ou não, mas presentes na sala jogassem o jogo da Iúna, um jogo distinto que incita amistosidade, curtição, malícia, mandinga e com a obrigatoriedade do esquete.⁷⁷

Presenciei muitas vezes alunos formados que estavam de passagem pela academia assistindo a aula, às vezes, vestidos a rigor, de paletó e gravata, serem impelidos a entrar na roda por ser um momento do jogo da Iúna, um instante especial para os formados de Bimba.

Outras características do jogo da Iúna eram a ausência de palmas e do canto durante o desenrolar do jogo, sendo permitido e até mesmo imposto o aplauso de todos os presentes no final do jogo.

Para fechar a aula, Bimba anunciava de maneira evidenciada o Esquentabanho: "Esquentabanho, que bonito!". Esse momento era esperado com ansiedade por todos os alunos, uma ocasião singular do aprendizado da Capoeira Regional. Os alunos tinham a liberdade de treinar golpes, rasteiras, bandas, vingativas, balões cinturados e até desafiar outros capoeiristas.

Vale lembrar que toda essa liberdade era supervisionada pelo mestre, sempre atendo ao desenrolar da roda. Chamava a atenção daqueles que extrapolavam, principalmente se fosse usada violência, golpes ilícitos ou que infligissem as "regras" estabelecidas.

Incentivava seus alunos reconhecendo o potencial, indicando os melhores caminhos para se lograr o sucesso quer seja nos golpes, no jogo e na vida pessoal. Era comum contar rápidas histórias que ilustrava sobremaneira aquela situação acompanhada de fundo disciplinar e moral.

Outras vezes, aproveitava para ensinar novos golpes, uma defesa especial, mas não era nada rigidamente planejado, ficava sempre a critério dele, ao tempo e hora, que com sua experiência sabia aproveitar bem a motivação da classe.

O Esquentabanho era o paraíso dos alunos formados, os "bambas" de Bimba. Eles se destacavam pelos desafios que proporcionavam, escolhiam a dedo seus adversários, alguém que durante o jogo tinha acertado um golpe maldoso e esse espaço era o destinado para "desferrar" aquela porrada. Também queriam mostrar porque eram chamados de "bambas", desafiavam dois, três ou mais companheiros de uma só vez. Um detalhe marcante consistia

⁷⁷ Jogo exclusivo da Capoeira Regional, que tem obrigatoriedade da utilização dos golpes de projeção da Cintura Desprezada ou outros desenvolvidos pelos alunos de acordo com sua criatividade e habilidade.

em um aluno formado convidar outro formado e às vezes alunos mais experimentados para irem ao centro da roda. Um terror! Não se tinha a opção de não aceitar, não cabia uma desfeita dessa natureza e o pior era passar por frouxo. Um aprendizado e tanto.

O mestre também não relutava em dar bronca naqueles que saíssem da linha; reclamava com firmeza, austeridade e conhecimento de causa e todos os presentes demonstravam respeito acompanhando atentamente o desenrolar do fato.

Todo esse cuidado tinha um significado especial, ao tempo em que o mestre facultava um tempo livre dentro de sua sala de aula com o objetivo dos alunos experimentarem as mais variadas possibilidades de aprendizado utilizando suas próprias descobertas, saindo assim da rigidez didática; Bimba mediava, supervisionava e estabelecia regras simples para serem seguidas por todos os alunos sem distinção de graduação, inclusive recomendando cuidados expressos com os alunos mais novos.

16.4.1 Menino, quem foi seu mestre? Meu mestre foi Salomão. Sou discípulo que aprendo, sou mestre que dou lição.

Existem seguramente oito autores que escreveram sobre mestre Bimba e a Capoeira Regional. Todos eles, tiveram uma preocupação biográfica, histórica, técnica e até filosófica. Entretanto, existindo uma carência sobre o processo pedagógico, as atividades de ensino e o relacionamento de Bimba com seus alunos e o reflexo na vida pessoal e profissional de cada um deles.

Entendo ser relevante estudar mais a fundo o ato pedagógico e a metodologia usada por mestre Bimba para ensinar a Capoeira Regional, assim como o relacionamento dele com seus discípulos e as conseqüências desse aprendizado na vida pessoal de cada um. Relevante ainda no sentido de poder mostrar que mestre Bimba não somente criou a Capoeira Regional como arte, luta, defesa pessoal, mas, sobretudo, se preocupou também em alcançar seus objetivos de maneira coerente com seus propósitos e por isso buscou sedimentar sua prática de ensino em processos pedagógicos e didáticos simples, fundamentados na sua experiência de vida.

Paulo Freire (1966 p. 96-108), em reflexão sobre o ato de ensinar, assevera a necessidade do comprometimento e da autoridade. “Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem importância capital para o meu

desempenho”. Destaca a importância da autoridade dizendo ser crucial uma atitude forte, afetiva e democrática possibilitando ao aluno uma percepção clara de segurança e esperança.

Na disciplina Ludopedagogia III ministrada pelos professores Cipriano Luckesi e Bernadete Porto, na Faculdade de Educação da UFBA, em 2005, foi enfatizada a relação entre educador e educando. Luckesi (1994, p. 117), reportando-se sobre o sujeito da práxis pedagógica e a relação do educador com o educando declara que o indivíduo para exercer o papel de um mestre ou educador tem que ter compromisso político, competência teórica e técnica e salienta que a “arte de ensinar”, o processo educativo, deve contemplar o envolvimento afetivo e o desejo determinado da elevação cultural dos educandos.

Tendo frequentado o Centro de Cultura Física Regional durante sete anos e convivido de perto com mestre Bimba e seu grupo folclórico formado por seus alunos, tocadores de berimbau convidados e as baianas lideradas por mãe Alice, sua esposa, sempre percebi seu compromisso e coerência com o ensino da Capoeira Regional e o quanto o mestre era verdadeiro no trato da sua arte e na qualidade do relacionamento com seus alunos, valorizando enormemente a disciplina, a ética, os princípios e o respeito.

Entendemos que a pedagogia vigente de mestre Bimba tinha como substrato a sua visão de mundo e de homem, baseada na sua experiência de vida que lhe conduzia a uma prática educativa bastante realista, conectada com o mundo da época. Podemos até afirmar que a sua filosofia de educação forjava sua práxis educativa.

Gato Branco, referindo-se à metodologia utilizada por Bimba e ao jeito dele transmitir aos seus alunos o seu ensinamento assim comenta:

Mestre Bimba era uma pessoa muito prática, ele era muito objetivo, dentro do jeito dele. Se ele percebesse que a gente desse um aú errado, que não fosse uma coisa que servisse realmente para a capoeira, a não ser fazer folclore que às vezes ele não gostava muito, ele queria o cara mais duro, mais objetivo, ele parava ali e dizia que não era assim e tal, ele era muito objetivo nas coisas e, também deixava a gente muito solto, à vontade, no momento que ele ensinava as seqüências, e o resto era pau puro lá e cada um por si. Agora ele interferia na hora em que achava que a gente não estava fazendo a coisa corretamente. Por exemplo, de vez em quando tinha uns que gostavam de dar uma benção com o pé de ballet, esticado, e ele dizia que ali não era lugar de bailarino não, benção não se dá assim, e aí mandava um outro colega dar uma benção na gente mesmo para arrebentar a boca do balão, para mostrar que aquilo era jogo de homem. Então ele tinha essa metodologia para mostrar que a capoeira não era somente dança, capoeira era também defesa pessoal. Eu o achava objetivo na metodologia dele (*sic*).

Mestre Itapoan (1994, p. 80), referindo-se ao método de ensino e à dedicação de Bimba, cita que "o seu método era artesanal, ele gostava de pegar aluno por aluno e ensinar certos movimentos”. Santos (1996, p. 33) diz que "durante as aulas ninguém dava um 'pio', pois as atenções sempre se achavam completamente voltadas para suas explicações e

ensinamentos” e complementa ressaltando o comportamento do mestre: “Ele, somente ele, era quem quebrava a monotonia, às vezes com uma crítica enérgica, seguida de uma orientação complacente dirigida ao aluno que falhava na aplicação de um golpe, contra-golpe ou que esquecia determinada parte da seqüência de golpes”.

As citações acima, que representam a vivência dos autores e ex-alunos, nos fazem imaginar que mestre Bimba “pensava certo a capoeira” em todos os sentidos e abrangências. Sobre “pensar certo”, Paulo Freire (1996, p. 49) assegura que ensinar não se resume apenas em transferir conhecimento, é fundamental ter uma postura exigente, muitas vezes difícil e penosa que o docente tem que assumir diante do outro e com os outros em face da realidade concreta.

Torna-se verdadeiramente importante que o educador tenha clareza de seus atributos na compreensão da realidade na qual está inserido, o comprometimento político e a competência teórica e prática no campo em que atua, bem como uma atitude profissional marcante.

Ainda sobre esse assunto e especificamente sobre a relação mestre-aluno, Abreu (1999, p. 38) assim se referiu:

O ensino da capoeira passava a ser ministrado como atividade profissional, podendo a relação mestre-aluno também se efetivar como cliente-fornecedor (vista grosso modo), passível de alterar os aspectos culturais de intimidade e afetividade entre mestre-aluno que estavam contidos no processo de iniciação anterior.

Para Abreu essa relação no ensino da capoeira sustentada por Bimba é uma grande novidade, que chama de “novidade radical” no universo da capoeiragem baiana, principalmente porque até então a capoeira era aprendida de “oitiva”.⁷⁸

Parece que mestre Bimba compreendia claramente a sua responsabilidade de mediador entre a cultura elaborada, acumulada na sua vivência como homem do povo, adquirida nas suas experiências vividas no cais do porto como trapicheiro e em outras esferas no exercício das profissões de carroceiro, carvoeiro e das rodas de capoeira. Experiências essas acumuladas pela sua sobrevivência e na busca constante de seu sonho, o de ser um mestre de capoeira e viver como um profissional da arte de capoeirar, um educador da capoeira.

Seu ex-aluno Muniz Sodré (2002, p. 70), reportando-se sobre as lições de mestre Bimba, lembra que foram lições “salomônicas” adquiridas na convivência com o mestre na roda da Capoeira Regional:

⁷⁸ Sem a experiência de um método pedagógico, apenas pela observação, tentativa e erro.

Do curso na academia de Mestre Bimba, de todo aquele período, ficaram-me lições “salomônicas”, dessas que se guardam para toda a vida. A primeira foi dada pela experiência de ver conviverem democraticamente em um mesmo espaço (de certo modo, semelhante à boa escola pública, aquela idealizada por Anísio Teixeira) ricos e pobres, escuros e claros, como já disse antes, gente da elite e gente da plebe.

A citação acima de Muniz Sodré deixa claro todo um sentimento de ter convivido em uma escola cujo mestre interagiu com seus alunos de maneira democrática, fazendo valer uma premissa dos iguais, sinalizando abertamente sua práxis pedagógica, demonstrando a compreensão da realidade na qual estava atuando. Nesse particular, o mestre fincava suas bases da educação fundamentada na sua vivência histórica, cultural e nas relações de classe. Essa compreensão parece ter sedimentado o sonho de criar uma nova capoeira, a Capoeira Regional, que viria a romper com o *status quo* estabelecido.

Esse estado democrático existente no Centro de Cultura Física Regional, ou seja, na academia de mestre Bimba, suscitava uma ação ativa e participativa dos seus alunos.

O mestre criava um ambiente de constantes desafios. Itapoan, em suas palestras sobre a Capoeira Regional, afirma ter adquirido o gosto pela história do Brasil quando mestre Bimba, certa feita em plena apresentação de capoeira, o convidou para falar para um grupo de turistas sobre a Capoeira Regional.

Cafuné diz que após ter sido batizado com seu apelido ficou intrigado e até mesmo desapontado, pois os apelidos para os capoeiristas da sua época eram sugestivos de homens valentes, a exemplo de canhão, onça, filhote de onça, quebra ferro, malvadeza etc. Porém, depois do desapontamento e de uma reflexão banhada pela brisa que soprava na praia de Amaralina, entendeu que o seu apelido não tinha nada de pejorativo, mas sim de desafiador, de superação mesmo; ele não tendo um porte físico avantajado tinha de superar-se na técnica e no conhecimento. Relata que esse desafio mudou sua vida, que amadureceu e que se tornou homem.

Pessoalmente, o meu desafio foi o de vencer minha timidez e a ginga não somente alongou meus músculos, mas, sobretudo alargou meus horizontes além da roda, me remetendo a caminho da conquista dos meus sonhos. Lembro perfeitamente quando incluí o aquecimento na aula das 14 horas. Já tinha conhecimento da importância de iniciar a aula com uma movimentação global e multilateral dos músculos, articulações e ativação das grandes funções. Os colegas me solicitavam que puxasse o aquecimento e o mestre permitia, mas ficava olhando, atento a todas as movimentações sem uma interferência direta. Hoje, entendo que Bimba valorizava a iniciativa dos alunos proporcionando-lhes confiança e estímulo.

Mestre Bimba apesar de durão em suas atitudes estava sempre atento às possíveis contribuições dos seus alunos. Com sua aproximação e convivência com os alunos de medicina, ele incorporou à sua pedagogia elementos pertencentes ao meio universitário, a exemplo da admissão, formatura, madrinha, paraninfo, orador e quadro de formatura.

Como educador, Bimba parecia dominar inteiramente a sua práxis pedagógica. Tinha coerência com sua proposta do ensino da Capoeira Regional, estava sempre atento aos seus alunos, utilizando uma didática bem particular, através qual motivava seus alunos a crescerem e a se desenvolverem não apenas no jogo da capoeira, mas como indivíduos e como cidadãos: seres no mundo.

Os alunos tinham o mestre como uma grande referência, um homem austero, disciplinador, exigente, humorado que transmitia confiança e encorajava pessoas. Os alunos se sentiam estimulados para reformular sua cultura, eram capazes de perceber seus limites e suas potencialidades. Eram capazes de criar novos movimentos capoeirísticos, eram capazes de trilhar seus próprios caminhos e elaborar sua própria história..

No jogo da Capoeira as pessoas se esquecem do individualismo, se tornando duas pessoas integrada em um só corpo de uma roda.

Decanio.

17 A SEQÜÊNCIA DE ENSINO DE MESTRE BIMBA: UMA FERRAMENTA LÚDICA DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA CAPOEIRA REGIONAL

A Seqüência de Ensino de mestre Bimba é uma atividade eminentemente lúdica, que está inserida no processo de ensino-aprendizagem da Capoeira Regional, não apenas com a finalidade de diversão, mas, sobretudo, no sentido mais amplo da educação, ao proporcionar um aprendizado da realidade do cotidiano, mediante desafios e experiências vivenciadas com a partilha, a colaboração, os diferentes, os conflitos, a cultura dos praticantes e da sociedade em que vivem.

Esse método de ensino da Capoeira Regional pode ser encontrado em duas versões, uma simplificada, indicado para os alunos iniciantes, e a outra completa, privilégio dos alunos formados.

Segundo Itapoan (1994, p. 83), o método é composto dos golpes mais comuns, aqueles que sempre estão presentes em qualquer jogo de capoeira, chegando mesmo a afirmar que com a simples retirada desses golpes não existe jogo de capoeira. A seqüência completa é composta de dezessete golpes de ataque, defesa e esquiva, em que cada aluno executa cento e cinqüenta e quatro movimentos e a dupla trezentos e oito. Logo, podemos afirmar que o grau de dificuldade é bastante elevado, exigindo dos praticantes um bom nível de concentração, preparo físico e uma excelente habilidade para golpear de ambos os lados. Esta é, na verdade, uma série de exercícios complexos, destinado aos capoeiristas adiantados, e que mestre Bimba usava como fundamento básico nos cursos de especialização.

A seqüência simplificada é uma metodologia apropriada para os iniciantes e muito utilizada no cotidiano, pois o grau de complexidade é menor, não exigindo habilidade motora aprimorada, ao tempo em que suscita uma forte motivação e prazer pelos desafios superados e etapas vencidas.

Mestre Bimba utilizava o ensino da seqüência com muita propriedade. Na segunda ou terceira aula, o aluno calouro era convidado a aprender a seqüência através do sistema de compadrio, ou seja, o aluno mais antigo na academia, preferencialmente um aluno formado era chamado para ensinar a seqüência ao calouro.

Com este ato, Bimba permitia a experiência da responsabilidade, a intimidade e a proteção do aluno mais antigo sobre aquele iniciante, para que se sentisse mais confiante no seu aprendizado. Era um jogo de compadres, um jogo de responsabilidades vivenciado cotidianamente visando o mesmo objetivo.

O calouro se sentia desafiado em aprender a seqüência rapidamente, pois tinha em mente um objetivo maior o de jogar na roda pela primeira vez ao som do berimbau, ser batizado. A condição era dura, só poderia jogar na roda e ser batizado aquele aluno que soubesse a seqüência completa.

O mestre antes de tomar a atitude de convidar o aluno para o jogo, perguntava ao calouro se já tinha decorado a seqüência e se certificava perguntando ao seu companheiro de aprendizado, se o seu colega já estava pronto para o desafio do batizado, para “entrar no aço”, como dizia Bimba.

Itapoan (1994, p. 83) diz ser a seqüência o "ABC" do capoeirista e quando o aluno decorava a seqüência sabia exatamente os movimentos necessários para entrar na roda, entrar no jogo mais confiante e seguro. Ainda ressalta dizendo que nada impede que se criem outras variações com a finalidade de enriquecer o treinamento, porém, sem adulterar a seqüência original, a do Mestre Bimba.

Moura (1968, p. 5), reportando-se à seqüência, explica ser ela um conjunto de lições práticas e eficientes, baseadas em golpes e contra-golpes, que possibilitam ao aluno aprender capoeira no menor espaço de tempo possível, incorporando a consciência do valor da luta como um sistema natural de ataque e defesa.

Sodré (2002, p. 68), comentando sobre a seqüência, afirma “tratar-se de um conjunto de golpes, que funciona como base da Regional”. Lembra que tudo começa com a ginga, um jogo de movimentos em pé por meio do qual o capoeirista arma ataque e defesa com pés, mãos, tronco e cabeça.

A ginga é o movimento fundamental da capoeira, sem ela não tem jogo. Ela representa a personalidade do capoeirista, o seu jogo de corpo, sua postura corporal, identifica o estilo, apresentado num vaivém corporal de negaças e mandingas que serve para dá início aos golpes. A ginga não somente inicia os golpes, mas está presente em toda a seqüência. É o aquecimento que enceta cada etapa. É o elemento responsável pelas retomadas do jogo e por esses motivos explicitados, podemos afirmar ser a ginga a alma do capoeirista.

A seqüência de ensino da Capoeira Regional configura-se como um jogo. Essa dedução está baseada nos estudos de Huizinga (1990, p. 5), quando ressalta que a essência do jogo consiste em sua intensidade, poder de fascinação e capacidade de exercitar, expressando-se através do ritmo, harmonia, coordenação, tensão, alegria e divertimento.

Para Caillois (1990, p. 11), um dos aspectos que constitui a natureza do jogo é o “sistema de regras que definem o que é e o que não é do *jogo*, ou seja, o permitido e o proibido”. Também chama a atenção dizendo que a “única coisa que faz impor a regra é à vontade de jogar, ou seja, à vontade de respeitar”. Outro fator inerente ao jogo é a idéia de amplitude, de facilidade de movimento e de liberdade.

A seqüência de ensino idealizada por Bimba, além de possuir os atributos de jogo proposto por Huizinga e Caillois, proporciona desafios e transcendência, pois sua prática sempre em dupla favorece a experimentação, em que um capoeirista observa o outro, provoca o outro, um instiga o outro a buscar um movimento mais perfeito, uma defesa mais efetiva, suscita o reflexo a todo tempo, motiva a mandinga, o jogo de corpo, a expressão corporal, aprimora as qualidades físicas e aproxima as pessoas.

Decanio (2001, p. 43) costuma afirmar que os capoeiristas quando estão jogando transcendem o que chama de “transe capoeirado”, um estado modificado de consciência. “O capoeirista deixa de perceber a si mesmo como individualidade consciente, funcionando-se (*sic*) ao ambiente em que se desenvolve o jogo de capoeira”. Isso ocorre devido à “influência do campo energético desenvolvido pelo ritmo-melodia ijexá, cânticos e ritual da capoeira”; e destaca a complexidade crescente, os estímulos dos processos mentais, a criatividade, a atenção e o interesse do praticante unindo a mente e o corpo, integrando o ser.

Luckesi (1998, p. 10), sobre a ludicidade, diz que a “atividade lúdica se caracteriza pela ‘plenitude da experiência’ que ela propicia a quem pratica” É uma atividade onde o sujeito se entrega às experiências sem restrições mentais de qualquer tipo. E complementa, “é mais fácil compreender isso, em nossa experiência, quando nos entregamos totalmente a uma atividade que possibilita a abertura de cada um de nós para a vida”.

A seqüência de ensino de mestre Bimba tem suas regras definidas, tem seu rigor e ritual, todavia, não é algo hermético, fechado em si mesmo, ela abre múltiplas possibilidades, proporcionando sobremaneira a criatividade e a expressividade.

A seqüência, que está dividida em oito partes de graus de dificuldades crescentes, abre um diálogo entre os jogadores, promovendo desafios constantes, oportunizando que os praticantes busquem soluções, extrapolem os limites da roda e possam enxergar novos horizontes.

No jogo da seqüência, o prazer, a alegria, a inventividade e a criatividade se fazem presentes a todo instante, pois a cada encontro, a cada jogo, acontece um evento diferente, com companheiros diferentes, suscitando cotidianamente novas experiências, novos desafios, novos experimentos, novas soluções e conseqüentemente novas realizações.

Abreu (1999, p. 39), referindo-se à seqüência de ensino de mestre Bimba, que intitula “rudimento de todas as aulas”, afirma ser ela “uma combinação de golpes e movimentos retirados de situação de jogo, que facilitava vários alunos aprenderem ao mesmo tempo”. Destaca ainda outros predicados, chamando veementemente a atenção para o ensino baseado na repetição, o saber fazer como fonte de compreensão, o conhecimento vivenciado na realidade, o desenvolvimento das qualidades físicas e o aprendizado rápido para a introdução do aluno na roda.

A seqüência é uma ferramenta privilegiada do saber fazer, nela ressaltam claramente os elementos do jogo marcada por ser uma atividade física e mental que possui um conjunto de regras próprias que conduzem a um resultado específico, imbricada no sentimento de perda e/ou ganho.

É um brinquedo respaldado na atitude do simples passatempo, de divertimento, entretenimento e lazer. O brincar tem um aspecto de proteção, de liberdade, de convivência com o mundo material e afetivo. Brincando na seqüência, brinca-se de capoeira, assegura-se o desenvolvimento das habilidades motoras e desempenha-se papéis diversos pela alegria e prazer.

É comportamental devido à atitude dos jogadores que no bojo da disputa podem pretender obter vantagem sobre outrem, podendo caracterizar-se como um “jogo franco” ou um “jogo dissimulado”.

Movimento oscilante que se caracteriza pelo balançar do corpo, braços, pernas e cabeça em uma movimentação própria dirigida pelo ritmo, música, espaço e tempo. A força criadora e a energia vital emanada por um “jogo de dentro” e um “jogo de fora” são grandes.

Nesse contexto, destacamos as relações humanas, entendidas aqui como uma relação de pessoas ou de grupos expressada nas oportunidades, pelo jogo de interesses, jogo de sedução, jogo de palavras, jogo político, jogo de capoeira, jogo de poder etc.

Barbieri (1993, p. 50) diz que essas relações estão representadas por “intermédio de um vaivém constante que procura alcançar seus objetivos, totalmente diferentes ou semelhantes, obedecendo a certas regras, aceitas pelos atores sociais, delineando assim dois tipos de situações”, uma respaldada no conflito e a outra na convergência de objetivos.

Portanto, a seqüência de Bimba aponta para uma atividade lúdica, pois transita entre o rigor e o prazer da realização. Oferece oportunidade da convivência dos diferentes num constante diálogo para encontrar possíveis soluções em um exercício diuturno onde os jogadores permanecem fazendo o que gostam.

Por outro lado, a prática da seqüência exige concentração, centramento, o aluno deve dar conta do tempo presente, deve focar e ampliar o foco em tempo real, entender as partes e vivenciar o todo ao mesmo tempo. Este jogo é o que Luckesi (2004)⁷⁹ chama de dialética entre a consciência focada e consciência ampliada.

Os alunos ao dominarem a seqüência sentem-se mais seguros e partem para as experiências pessoais e em duplas, ampliando suas possibilidades, criando e recriando movimentos.

De acordo com as evidências encontradas e discutidas, concordamos ser a Seqüência de Ensino de mestre Bimba uma ferramenta lúdica de ensino-aprendizagem da Capoeira Regional por apresentar aspectos balizadores da atividade lúdica como jogo, criatividade, foco e ampliação do foco, expansão da consciência, inventividade, interação, dialética, integração, alegria, prazer e realização.

⁷⁹ Anotação de aula no dia 8 de novembro de 2004, na disciplina Ludopedagogia III, do Programa de Pós-graduação em Educação da FAGED/UFBA.